



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ERALDO DA SILVA LEITE

**O USO DE MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA
ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ BARROSO TOSTES NO MUNICÍPIO DE
SANTANA-AP, EM CONTEXTO PANDÊMICO**

MACAPÁ-AP
2023

ERALDO DA SILVA LEITE

**O USO DE MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA
ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ BARROSO TOSTES NO MUNICÍPIO DE
SANTANA-AP, EM CONTEXTO PANDÊMICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amapá como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientação do professor Dr. Francisco Otávio Landim Neto.

MACAPÁ-AP
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

L533 Leite, Eraldo da Silva.

O uso de mídias digitais no ensino da geografia na Escola Estadual Professor José Barroso Tostes no Município de Santana-AP, em contexto pandêmico / Eraldo da Silva Leite. - Macapá, 2023.

1 recurso eletrônico. 76 folhas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-graduação em Geografia, Macapá, 2023.

Orientador: Francisco Otávio Landim Neto.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Aprendizagem geográfica. 2. Mídias digitais. 3. Ensino médio. I.Landim Neto, Francisco Otávio, orientador. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 910.7

ERALDO DA SILVA LEITE

O USO DE MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ BARROSO TOSTES NO MUNICÍPIO DE SANTANA-AP, EM CONTEXTO PANDÊMICO

Banca Examinadora

Prof. Dr. Francisco Otávio Landim Neto
Universidade Federal do Amapá

Prof. Dr. José Francisco Carvalho Ferreira
Universidade Federal do Amapá

Prof. Dra. Eliane Aparecida Cabral da Silva
Universidade Federal do Amapá

Prof. Dra. Maria Edivani Silva Barbosa
Universidade Federal do Ceará

Dedico este trabalho a todo o Curso de Geografia da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, corpo docente e discente, a quem fico lisonjeado por dele ter feito parte.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me proporcionado força e saúde durante todo o curso. Sem Ele não teria condições para desenvolver esse trabalho.

Aos meus pais, por nunca terem medido esforços para me proporcionar um ensino de qualidade durante toda a vida.

Ao meu orientador, que conduziu o trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu vasto conhecimento.

Aos meus professores da graduação e pós-graduação que me estimularam a galgar pelos caminhos do ensino da geografia.

Aos colegas de curso, pela troca dos conhecimentos e das experiências acadêmicas.

Aos professores e estudantes da educação básica, em especial, aos que fazem parte da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes pela total contribuição para a realização deste trabalho.

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (Paulo Freire).

RESUMO

As mídias digitais vêm se apresentando como um recurso didático significativo, sobretudo, no ensino remoto emergencial vivenciado no contexto da pandemia da COVID-19, para os professores em suas aulas, particularmente, os de geografia. No entanto, para que esse recurso possa ser, de fato eficiente, é necessário que os professores o percebam como meio para reforçar os conteúdos escolares, assim como oportunidades de aprendizagens significativas para os estudantes. Este estudo visa contextualizar a utilização das mídias digitais no ensino e aprendizagem da geografia no ensino médio da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes no município de Santana-AP com a elaboração de um diagnóstico com a tessitura de proposições sobre a temática em análise, trazendo à tona as dificuldades dos educadores no que se refere ao uso das mídias digitais como recurso pedagógico, bem como, as práticas pedagógicas no ensino da geografia na referida instituição escolar atrelado ao uso dessas mídias digitais. No que concerne aos procedimentos metodológicos a respectiva pesquisa é caracterizada como de abordagem quantitativa e qualitativa, sob o método dialético, com base no método de Delphi, uma vez que foram consultados especialistas nas áreas geograficamente diversas sobre o objeto de estudo abordado, de modo a contemplar as análises empíricas. Esta pesquisa é classificada como exploratória, bibliográfica, documental e de campo. Diante do exposto, pode-se afirmar que os professores estão dispostos a utilizar as mídias digitais, mas existem determinados entraves como a estrutura física inadequada, falha de conexão à internet ou até a limitação dos equipamentos tecnológicos.

Palavras-Chave: Aprendizagem geográfica. Mídias digitais. Ensino médio.

LEITE, Eraldo da Silva. Propositions about the use of digital media in Teaching Geography at the State School Professor José Barroso Tostes in the municipality Santana-AP.

ABSTRACT

Digital media have been presenting themselves as a significant didactic resource, especially in emergency remote teaching experienced in the context of the COVID-19 pandemic, for teachers in their classes, particularly those in geography. However, for this resource to be, in fact, efficient, it is necessary that teachers learn it as a means to strengthen school contents, as well as school learning opportunities for students. This study aims to contextualize the use of digital media in the teaching and learning of geography in high school at the Professor José Barroso Tostes State School in the municipality of Santana-AP with the elaboration of a diagnosis with the fabric of propositions on the subject under analysis, bringing to the forefront raises the difficulties of educators with regard to the use of digital media as a pedagogical resource, as well as the pedagogical practices in teaching geography in the aforementioned school linked to the use of these digital media. With regard to the methodological procedures, the respective research is characterized as quantitative and qualitative, under the dialectical method, based on the Delphi method of approach, since specialists in geographically diverse areas were consulted on the object of study exactly, in order to in order to contemplate the empirical analyses. This research is classified as exploratory, bibliographical, documentary and field. Given the above, it can be said that teachers are willing to use digital media, but there are certain obstacles such as the forced physical structure, internet connection failure or even the limitation of technological equipment.

Key words: Teaching and learning geography. Digital media. High school.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Fotografia da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes.....	37
Figura 02 - Gestor da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes.....	42
Figura 03 - Fotografia representativa da utilização de recurso tecnológico.....	53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Renda mensal família – 1ª série.....	47
Gráfico 02 – Exerce atividade remunerada – 1ª série.....	47
Gráfico 03 – Renda mensal familiar – 3ª série.....	48
Gráfico 04 – Exerce atividade remunerada – 3ª série.....	48
Gráfico 05 – Oferta de recursos tecnológicos – 1ª série.....	49
Gráfico 06 – Conexão à internet em casa – 1ª série.....	50
Gráfico 07 – Equipamento para acessar as aulas - 3ªsérie.....	50
Gráfico 08 – Oferta de recursos tecnológicos – 3ª série.....	51
Gráfico 09 – Conexão à internet em casa – 3ª série.....	51
Gráfico 10 – Equipamento para acessar as aulas – 3ªsérie.....	52
Gráfico 11– Estrutura de apoio aos professores e integração de recursos	57
Gráfico 12 – Política de uso de computadores na escola.....	58
Gráfico 13 – Principal formato de conteúdo e recursos digitais utilizados na escola.....	59
Gráfico 14 – Origem dos conteúdos e recursos digitais utilizados na escola.....	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Matriz Curricular.....	40
------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA: DESAFIOS E LIMITAÇÕES.....	15
2.2 MÍDIAS DIGITAIS E O ENSINO DA GEOGRAFIA SIGNIFICATIVO.....	21
2.3 A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DOS DOCENTES EM GEOGRAFIA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ENSINO GEOGRÁFICO SIGNIFICATIVO.....	29
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ BARROSO TOSTES.....	35
3.1.1 Histórico	35
3.1.2 Estrutura	37
3.1.3 Organização pedagógica	38
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	43
4.1 A PRÁTICA EM SALA DE AULA NO ENSINO DA GEOGRAFIA.....	43
4.2 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA-ESPACIAL E CULTURAL NAS TURMAS DE ENSINO MÉDIO	46
4.3 PROPOSTAS ALTERNATIVAS QUE VISAM MELHORIAS NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA ESCOLAR POR MEIO DO USO DAS MÍDIAS DIGITAIS.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICES	70

1 INTRODUÇÃO

No cenário contemporâneo a ciência geográfica se torna indispensável para a construção de um cenário educacional com formação de caráter humanista e integral de modo a possibilitar a leitura dos fenômenos presentes nas espacialidades local, regional, nacional e/ou global, sobretudo, mudanças ocorridas na relação espaço-tempo. Com efeito, a era da informação digital trouxe mudanças significativas e, inserido nesse contexto está à utilização de mídias digitais em sala de aula, (vivenciado na pandemia da COVID-19), no ensino e aprendizagem da geografia, o que justifica a escolha da temática: “O uso de mídias digitais no ensino de geografia na Escola Estadual Professor José Barroso Tostes”.

No âmbito do ensino da geografia, encontram-se os saberes, científicos e empíricos que devem ser buscados por professores abarcando o conteúdo cultural dos estudantes ou da realidade cultural da escola e da comunidade escolar, de modo a dialogar com os alunos sobre os fenômenos presente na espacialidade.

Ressalte-se que o professor não pode seguir exclusivamente com uma prática positivista e nem tornar a geografia um ensino dogmático do seu pensar, mas sim promover um espaço de diálogo com os estudantes a fim de que possam entender que eles produzem a própria geografia.

Os professores e estudantes são considerados peças-chave no processo de ensino e aprendizagem, mas no caso da nossa disciplina geográfica é indispensável focar naquilo que Cavalcanti (2002, p. 30) denominou como “geografia do aluno”, “enquadrando não tão-somente aspectos ditos naturais, mas também sociais haja vista que a sociedade é o lugar, onde se manifestam as expressões culturais, as quais devem ser observadas”.

E para que o ensino da geografia possa ser de fato significativo deve-se observar a “cultura da mídia” frequente na juventude estudantil e, que, em decorrência da pandemia de COVID-19 se tornou frequente também nas escolas, como uma metodologia alternativa que deve ter por base a pesquisa como forma de buscar conhecimentos, bem como, o estudo do meio, ou seja, despertar percepções nos estudantes para a compreensão dos fenômenos que acontecem no espaço geográfico, porquanto a geografia cumpre um papel fundamental na escola e na sociedade: preparar os estudantes para serem cidadãos aptos a compreender a prática socioespacial¹.

¹ O termo “prática socioespacial” para a geografia se remete ao modo como o espaço é produzido socialmente” e, de outro, como “ele é vivido” (PADUA, 2018, p. 41).

Tais práticas socioespaciais que caracterizam e identificam o Brasil como um território, com determinados fenômenos naturais, mas também uma nação que designa um povo, valores, estilos de vida, ou seja, um território é um espaço delimitado por fronteiras e estabelecido por relações de poder somado a identidade. Assim sendo, o território deve ser percebido como um lugar de trocas e de experiências da vida.

O interesse em estudar a temática descrita surgiu durante as vivências no âmbito da Universidade e das vivências em de sala de aula, observando um desmonte da universidade pública face a política neoliberal, a qual escasseia recursos para tais Instituições de Ensino Superior (IES), como por exemplo, o teto de gastos criado no governo Temer, o qual impede investimento necessários a educação, e seguido do governo Bolsonaro que promoveu desmonte e aniquilamento das políticas públicas para a educação (AGÊNCIA SENADO, 2022, p. 01).

Indubitavelmente, os investimentos na educação são essenciais para a construção de uma melhor qualidade de ensino, incluindo a oferta de recursos tecnológicos para as escolas. Não se pode negar que a utilização coerente das tais mídias digitais em sala de aula busca promover o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem por meio de outra perspectiva, neste caso, a tecnológica, o que possivelmente resulta em aulas muito mais dinâmicas e de fácil compreensão/assimilação além de atrativa para que estudantes possam se tornar indivíduos críticos, questionadores, e, estimulados, a desvendar os fenômenos geográficos em sua extensão.

No entanto, existem determinados problemas, pois as escolas, sobretudo as escolas públicas não ofertam recursos tecnológicos, pois na maioria das vezes faltam até projetores multimídias para os professores, por exemplo (o que deveria ser um recurso tecnológico acessível a todos) – na verdade, no estado do Amapá até mesmo a distribuição de energia elétrica é precária, o que ocasiona às vezes à falta dessa energia. Tendo isso em vista, as escolas públicas precisam disponibilizar computador para as turmas, ou pelo menos para o estudante que dele necessite.

Diante desta inquietação, a incumbência do texto em tela será a de responder ao seguinte problema de pesquisa: As mídias digitais possuem o potencial para subsidiar uma aprendizagem significativa no ensino da geografia? Para responder a esta questão da pesquisa foi formulada a seguinte hipótese: compete aos professores potencializarem a aprendizagem significativa no ensino da geografia mediante o uso das mídias digitais.

O objetivo geral deste estudo versa sobre contextualizar a utilização de mídias digitais na realidade da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes

Com a finalidade de confirmar ou refutar a hipótese levantada, os objetivos específicos desta pesquisa afiguram-se em I) identificar as práticas pedagógicas no que se refere às mídias digitais no ensino médio de geografia na Escola Barroso Tostes; II) apresentar o panorama da utilização dessas mídias no ensino da geografia na Escola Barroso Tostes; III) analisar a organização do ensino da geografia para o uso de determinadas mídias digitais como Google Meet, WhatsApp e Podcasts.

No que se refere aos procedimentos metodológicos optou-se pela pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo; sob o método crítico-dialético, com base em Delphi, uma vez que foram consultados especialistas nas áreas geograficamente diversas sobre o objeto de estudo abordado, de modo a contemplar as análises empíricas. Esta pesquisa é classificada como exploratória, bibliográfica e documental visando alcançar os objetivos propostos.

A realização desta pesquisa dar-se-á com a efetivação de um levantamento com base em estudos históricos e documentais – como por exemplo a Proposta Pedagógica Curricular e o Projeto Político Pedagógico da Escolar da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes. Além de levantamento de fontes como livros, artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorado, documentos com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), entre outros.

Com efeito, tal levantamento foi realizado de acordo com a temática proposta, de modo a ressaltar os pontos pertinentes ao assunto abordado pelos autores.

Em relação à coleta das informações foram utilizadas fontes estatísticas. O universo da pesquisa residiu exclusivamente na Escola Estadual Professor José Barroso Tostes, localizada no bairro Central do município de Santana, no estado do Amapá. Participaram da pesquisa um total de 10 turmas: estudantes da 1ª e 3ª série do ensino médio, sendo escolhidos aleatoriamente turmas do 1ª série e turmas de 3ª série. Foram selecionados, também de forma aleatória 70 alunos de cada uma das séries para amostra perfazendo um universo de 140 participantes, além de 03 professores de geografia atuantes em sala de aula, bem como, o gestor da escola, pois no contexto pandêmico ainda lecionava a disciplina de geografia.

Para a consecução da participação na pesquisa foram utilizados questionários, entrevistas semiestruturadas tanto para professores de geografia quanto para os estudantes, bem

como, a análise dos dados. Cada aplicação teve duração média de 15 minutos, com a prévia autorização dos responsáveis pela referida escola.

Para a realização deste trabalho, o respectivo será constituído em 3 etapas a saber: inicialmente a referencial teórico abordando o ensino de geografia: desafios e limitações; as mídias digitais e o ensino de geografia significativo; a formação inicial e continuada dos docentes em geografia para a construção de um ensino de geografia significativo; a seguir a caracterização da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes: histórico, estrutura física, organização pedagógica e os resultados e discussões abordando o uso das mídias digitais no ensino médio de geografia na referida escola, bem como a caracterização socioeconômica-espacial e cultural nas turmas de ensino médio e propostas alternativas que visem melhorias no processo de ensino e aprendizagem.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA: DESAFIOS E LIMITAÇÕES

O ensino e a aprendizagem da geografia no âmbito da educação básica especificamente em nível do ensino médio devem primar por pressupostos que visem a conjectura de soluções e requeiram a consciência e a ética ambiental, bem como o consumo responsável nas dimensões local, regional, nacional e global. Desta forma, a aprendizagem significativa no ensino da geografia ocorre quando o estudante o depara na sua vida cotidiana, assim os conteúdos do ensino da geografia devem estar voltados para a construção da aprendizagem significativa, efetivada pela conexão de saberes e conhecimentos entre os sujeitos com base em uma formação humana integral (HAGAT, 2014), desde que o sujeito esteja disposto a aprender e o material de aprendizagem seja, de fato significativo (CHARLOT, 2005).

Com efeito, ao longo do percurso histórico, o ensino médio brasileiro cumpriu de forma simplista, duas funções, a saber, a de preparar para o prosseguimento ao ensino superior ou a, de preparar para o mundo do trabalho. Assim sendo, já afirmava o filósofo italiano Antônio Gramsci: “A divisão fundamental da escola clássica e profissional era um esquema racional: a escola profissional destinava-se as classes instrumentais, ao passo que a clássica se destinava às classes dominantes e aos intelectuais” (GRAMSCI, 1988, p. 118).

Também de acordo com Bourdieu (2006),

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica), dando o reforço de sua própria força às relações de força que fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Max Weber para a domesticação dos dominados (BOURDIEU, 2006, p. 11).

A partir desta visão, torna-se evidente que o estabelecimento de divisões no que se refere às funções do ensino se daria para sujeitos distintos. Assim sendo, é nítido que os sujeitos economicamente carentes eram preparados para o mercado de trabalho por meio de um aprendizado mecânico, enquanto membros da classe abastada eram preparados para conduzir a sociedade, fenômeno descrito por Silva (2000 apud Brasil, 2013, p. 07) como “formação das elites condutoras”.

Além disso, o processo ensino e aprendizagem demonstra limitações porquanto apresenta determinado fracionamento do conhecimento em disciplinas que ficaram estagnadas. Essa estagnação está presente tanto nas práxis escolar quanto na formação de novos professores ou ainda na formação continuada engendrada pelo sistema capitalista para a seleção dos melhores, na acepção meritocrática. Isso significa dizer o discurso meritocrático possibilita ao estudante e até mesmo ao professor uma situação de conformidade, de modo a aceitar o que lhe impõe a elite econômica (WAYNE; CABRAL, 2021).

Dentro desta conjuntura, observa-se outra condicionante limitante: o professor está cercado de inúmeras concepções ideológicas e/ou pedagógicas que, na maioria das vezes, são desprezadas por ele porque não consegue atingir os resultados esperados no fazer pedagógico.

Entretanto, deve-se ter em mente que uma prática pedagógica deve ser orientada por uma dada concepção a fim de que se tenha um direcionamento, mas isto depende do empenho do professor como orientador para tornar os conhecimentos científicos acessíveis aos estudantes e reconhecê-los como sujeitos históricos, sociais, políticos e localizados em um determinado espaço com identidade cultural,

Com efeito, essa atitude do professor acima mencionada tem por intuito efetivar um ensino de geografia significativo de modo a criar a igualdade de oportunidades para todos e não a um ensino seletista e excludente como quer o neoliberalismo, o qual tenta mitigar noções de igualdade de oportunidades e apresentar um determinado “acordo” entre os desiguais (CHARLOT, 2005).

Mediante ao contexto apresentado, torna-se indispensável pensar/refletir sobre a necessidade de superar o caráter de erudição universal, dualista, segmentado, dividido, segregacionista e categorizado do ensino da geografia no ensino médio, haja vista que tais características perfazem limitações para a aprendizagem significativa no ensino da geografia.

Hodiernamente, a geografia escolar deve estar pautada densamente nos aspectos sociais e econômicos, todavia sem desprezar os estudos da natureza e de sua relação com o homem a fim de docentes e estudantes realizarem-se geograficamente (CAVALCANTI, 2010).

Realizar-se, geograficamente, é assumir posição na teia de relações sociais, de modo, a conhecer o mundo no qual se vive, sobretudo o seu próprio *locus*. Mas para isso, o professor deverá construir o ensino da geografia efetivo com base na formação de cidadania (SILVA, 2013). Assim,

Com relação à formação da cidadania, o objetivo é salientar os modos como a escola e o ensino de geografia inserem-se na rede das relações sociais e como as relações sociais estão inseridas na escola. Nesse sentido, deve-se pensar a escola como expressão de relações e formas de socialização semelhantes às que ocorrem na sociedade, em espaços como a rua, os equipamentos públicos de lazer, compras, os espaços religiosos, etc. A sociedade, sobretudo em áreas urbanas, vive a experiência do múltiplo, da diferença, da diversidade. Essa diversidade, sintetizada ou expressa na cultura dos sujeitos – alunos e professores – também se expressam na escola, manifestando-se na experiência de aprendizagem diversificada. Assim, não há como impor unilateralmente uma ordem à realidade vivida pelos alunos da escola: eles expressam na escola a ordem vivida na sociedade, na cidade (CAVALCANTI, 2010, p. 12).

Com efeito, a cidadania é um processo que envolve a tríade: organização, participação e intervenção na sociedade, os quais devem ser efetivados por atores sociais atuantes na sociedade. É por meio da identificação de determinados problemas socioespaciais, bem como, pelas formulações de soluções para os diversos problemas presentes que o educando se tornará um cidadão responsável e um ator social atuante buscando o respeito às diferenças e a garantia dos direitos civis, políticos e sociais; e a geografia pode contribuir significativamente com tal processo, tendo em vista a formação cidadã (SOBRINHO, 2021).

No entanto, há outros desafios, como por exemplo, o professor de geografia fazer o estudante compreender como as novas tecnologias impactam o mundo do trabalho, sobretudo, em meio a nova pandemia de COVID-19, bem como, as mudanças climáticas, as informações no mundo globalizado na era da informação digital, dentre outros

Isso não é tarefa fácil, principalmente, porque atualmente os jovens possuem diferentes e diversas possibilidades para descontração, como por exemplo: filmes/séries na Netflix, *Stand-up Comedy*, games como *free fire*, redes sociais como *Facebook*, *Youtube*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Telegram*, e demais aplicativos como o *Tinder* ou *Badoo*. Em outras palavras, a maioria dos jovens preferem fazer qualquer das atividades acima mencionadas do que estudar. Mas o professor pode utilizar tais produtos em recursos tecnológicos a fim de potencializar a aprendizagem significativa.

E caberá ao professor de geografia orientar o educando para uma utilizar tais produtos e assim fazer uma leitura e refletir sobre espacialidade por meio da ciência geográfica.

O estudante talvez observe a geografia como uma disciplina obrigatória presente no currículo. Entretanto, é por meio do ensino da geografia que esse estudante pode observar os fenômenos da espacialidade na conjuntura social, econômica, política, ideológica e cultural mediante a experiência real em um determinado lugar com suas características próprias, ou seja

a categoria lugar precisa ser o intermédio para o aprendizado do ensino da geografia (SOBRINHO, 2018).

É importante destacar que por muito tempo, o ensino e aprendizagem da geografia estavam atrelados aos conteúdos de países, coordenadas, regiões, nomes de rios e biomas, dentre outros, o que leva a perceber que o sistema educacional reproduz o viés ideológico do sistema capitalista de produção engendrando uma educação segregacionista (DORE, 2006). Entretanto, como já foi supramencionado cabe ao professor orientar aos estudantes, mediante a uma metodologia adequada para fazê-lo compreender sobre a espacialidade.

Tal metodologia pode contemplar o manuseio dos dispositivos tecnológicos de forma exitosa, pois se a tecnologia for utilizada para o processo de ensino e aprendizagem será muito mais proveitoso o processo de formação educacional não permitindo ao jovem ou adulto ser manipulado pelas informações midiáticas (TONET; MELO, 2014). Sendo assim:

A tarefa do professor talvez consista em educar um jovem ou um adulto para não se deixar enganar; para não se deixar enganar não apenas pela televisão, rádio, jornais, cinema, como também pelos aparatos ditos educativos ou culturais que podem inculcar de forma eficaz mentiras disfarçadas com o manto da realidade. O que para nós professores está em pauta é como o trabalho pedagógico com a Geografia contribui para tornar nossos estudantes menos ingênuos diante daquilo que chamamos de realidade (PONTUSCHKA, 2000, p. 146).

Outro fator a ser considerado no contexto da relação de ensino e aprendizagem na geografia no contexto escolar é a apresentar a nova geografia escolar de forma interligada em todos os seus conteúdos (se for possível), bem como, a transdisciplinaridade, isto é, o diálogo da ciência geográfica, sobretudo, com suas ciências “irmãs” (ciências humanas/sociais – como preconiza o novo ensino médio), mas também com outras ciências como a linguística ou até a matemática em decorrência da análise de gráficos, por exemplo – Logicamente, sem deixar com que a geografia perca a sua identidade (SOBRINHO, 2018). Isso, indubitavelmente prenderá atenção do aluno e despertará seu senso crítico e a criatividade, além de um olhar “geográfico”, e, sobretudo, um olhar de mundo (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009). Dessa forma:

Continuamos a afirmar que um professor de Geografia, por melhor que seja a sua formação do ponto de vista do conhecimento da ciência geográfica e da disciplina escolar e dos caminhos teórico-metodológicos que hoje existem, se trabalhar disciplinarmente, de forma isolada, não conseguirá promover mudanças substantivas na maneira com que o seu aluno percebe o mundo e na maneira como nele se movimenta. O docente pode dominar o conhecimento geográfico a ser ensinado; ele pode realizar a leitura do espaço geográfico ou dos espaços geográficos que deseja analisar; pode saber como realizar a transposição da essência da estrutura da

disciplina, de suas noções e conceitos estruturantes; pode selecionar métodos de aprendizagem adequados, mas se permanecer restrito à preocupação com sua disciplina, sem interação com os companheiros nessa “viagem pedagógica”, poderá estar distante dos objetivos por ele almejados (PONTUSCHKA, 2000, p. 148,).

Ou ainda, que,

Na geografia não se admite mais excluir as diferentes compreensões, explicações, determinações da configuração do real, sejam elas simbólicas, econômicas ou naturais. Na medida em que se compreende que o real é complexo, composto por elementos subjetivos e objetivos, naturais e sociais, materiais e imateriais, o caminho do discurso geográfico é no sentido de aprender as inter-relações entre esses elementos, sem dicotomia. Ou seja, deve-se considerar que as análises que enfatizam somente os processos macrosociais são insuficientes para dar conta e certas especificidades da complexa estrutura das espacialidades brasileiras, por exemplo, locais ou globais. Do mesmo modo, as análises que forem somente aspecto micro, subjetivos, de grupos e específicos arranjos/paisagens, deixam de considerar as determinações históricas e sociais mais estruturais desses mesmos aspectos (CAVALCANTI, 2011, p. 196).

Interessante ressaltar que o professor de geografia tem diversas possibilidades de fazer o ensino acontecer (PONTES; RODRIGUES, 2023). observação de movimentações/fluxos na cidade, telejornais que informam sobre fenômenos estudados pela geografia, visitas técnicas em museus, trabalho de campo dos mais variados como observação e análise da paisagem, etc., trazendo à tona a realidade do estudante de maneira a conectá-los com sua própria realidade.

Com efeito, quando se observa um dado fenômeno da espacialidade, um olhar aguçado geograficamente pode interpretar um fenômeno como natural e social porquanto a natureza e a sociedade estão interrelacionadas. Nota-se que a geografia é um conhecimento que estará à disposição dos educandos a fim de que eles sejam capazes de refletirem e interpretarem os eventos espaciais. Deste modo, as aulas de geografia,

Têm tudo a ver com isto, pois ao estudar situações concretas, problemas que os vários povos enfrentam e a estruturação dos seus territórios que apresentam paisagens que expressam a realidade vivida, o aluno adquire os instrumentos para pensar o mundo de sua vida, da vida de todos os homens. Ao confrontar várias situações entre si e com as condições concretas do seu próprio mundo próximo, ele vai construindo um conhecimento próprio e, mais do que isto, a compreensão de regras e leis que regem este mundo atual; pode inclusive buscar o que as funda e compreendê-las como historicamente construídas (CALLAI, 2001, p. 144).

É necessário ter em mente que a ciência geográfica possibilita ao educando atingir a capacidade para compreender a realidade espacial, em seus aspectos sociais, culturais e geográficos. Portanto, cabe ao professor aproximar o meio social, a cultura, o lugar perfazendo a relação sociedade – natureza e natureza – sociedade a fim de que os estudantes possam compreender a si e sua relação com o mundo (SOUZA; LENZI, 2018).

Ressalte-se o fato de que a geografia em sua trajetória histórica sofreu dificuldade em realizar a função propriamente dita geográfica, haja vista que o sistema capitalista, em sua lógica de reprodução, desviou a condição da ciência geográfica, no que se refere ao seu conteúdo e ao seu lugar no âmbito escolar (LIRA, 2018), com efeito, a geografia cumpriu à incumbência ideológica de apresentar a constituição de nacionalidade dos Estados-Nação como a condição permanente da sociedade dita capitalista/moderna em detrimento das organizações espaciais de sociedades de outrora, de modo a esvair análises ou críticas sobre o antagonismo da lógica do capital e, deste modo, reduziu a geografia a um assujeitamento ideológico (OLIVEIRA et al, 2019).

Outro fator é o desinteresse pela disciplina geográfica por visualizar uma função meramente superficial, o chamado “decoreba” (decorar os nomes de rios, países, altitudes, etc.), como uma atividade monótona (REIS, 2015). Entretanto, a geografia não é simplesmente isso, mas sim, um instrumento de poder – para quem quer conhecer ou compreender a complexidade de fenômenos espaciais –. Também é importante salientar que é necessário orientar os estudantes para que possam acreditar no potencial da ciência geográfica, mas não tão-somente isto, que eles possam crer no papel e/ou função social da escola (sobretudo, a escola pública) e, principalmente, no seu próprio potencial, como *homo rationalis* que é, por natureza (CAVALCANTI, 2006).

Com efeito, para que isto possa acontecer é necessário que o professor possa perceber a importância de se trabalhar a prática educativa na relação: educação escolar – vida cotidiana. Isso significa dizer que o fazer pedagógico deve estar atrelado em uma correlação entre a realidade do educando e o ensino da geografia, na tentativa de fazer o educando atribuir significados aos conteúdos escolares – de modo a construir o raciocínio geográfico, e para tal, é necessário trabalhar os fundamentos epistemológicos, as discussões teórico-metodológicas, bem como as estratégias de aprendizagem – a fim de que o educando possa perceber a importância do papel da escola, mas também da importância do exercício da cidadania perfazendo o que o autor Castrogiovanni denomina de “fazer sociedade com cidadania”, (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 44), ou seja, de geografia contribuir na preparação dos estudantes, para que estes sejam, sujeitos de direitos e de deveres em uma dada sociedade (CAVALCANTI, 2011; SILVA, 2018).

De fato, para que haja uma eficiência do ensino da geografia é indispensável fazer algumas reestruturações, a iniciar pela geografia acadêmica, em que as disciplinas deveriam dialogar entre si. Um outro fator relevante é a relação dos graduandos com a escola, pois a profissão de professor exige conhecimentos teóricos, mas também exige o conhecimento da

realidade escolar, o que no Brasil está longe de acontecer, pois os acadêmicos somente se deparam com a verdadeira realidade escolar quando estão efetivados no exercício do ofício de professor (GATTI, 2010).

Também é importante salientar que há uma necessidade de uma formação continuada e permanente, inclusive, dentro da própria escola para que o professor possa se atualizar e se reinventar e aprender a aprender sobre as diversas estratégias de aprendizagem – afinal, não é porque ele se tornou um professor que recebeu um dom ou uma magia especial para ensinar – que contribuam para que o estudante seja um ser crítico e questionador dos fenômenos percebidos e/ou vivenciados nas espacialidades (HARVEY, 2008).

Assim sendo, a escola é exatamente o lugar que possibilita ao educando a aquisição de conhecimentos, das informações e de como pode formar e/ou produzir conhecimentos que tornam palpáveis as experiências (PEREIRA, 2014). Aqui torna-se essencial o papel da escola e, mais especificamente, da geografia, que deve preparar o educando para selecionar as informações reais, sobretudo, em um mundo onde há constantes *fake news* e, logicamente, não dissociar o educando de sua realidade, mas sim fazê-lo compreender a espacialidade em suas múltiplas facetas, sobretudo àquelas expostas pelas mídias digitais e que devem ser trabalhadas por um ensino de geografia significativo, até mesmo como forma de aumentar a motivação dos estudantes (KENSKI, 2002).

2.2 MÍDIAS DIGITAIS E O ENSINO DA GEOGRAFIA SIGNIFICATIVO

Nos primórdios da humanidade, a criatura humana modificava superficialmente à natureza porquanto era subordinado às condições naturais. Entretanto, por ocasião da denominada revolução neolítica, o referido ser passou a apropriar-se da natureza e a utilizá-la de acordo com seus interesses (MOREIRA, 1998).

Com efeito, movido por interesses ou até mesmo impelido por alguma necessidade ou algum *insight*², o ser humano utiliza a inteligência para conceber novas técnicas e construir novos equipamentos, exemplo disso, foi à tecnologia desenvolvida durante a 2ª guerra mundial, que culminou com a primeira bomba atômica, fato que engendrou condições para o desenvolvimento da indústria eletrônica e da informação, o que resultou em computadores digitais, circuitos integrados, entre outros, de modo a impulsionar as inovações tecnológicas (PINTO, 2016)

² Iluminação; revelação ou visão inesperada e repentina de alguma coisa (In: DICIO, **Dicionário** Online de Português. Porto: 7Graus, 2020).

A tecnologia é entendida como “extensão das capacidades humanas mediante a apropriação de conhecimentos como força produtiva” (BRASIL, 2011, p. 20). É proveniente da transformação do conhecimento/saberes em força produtiva atrelado as necessidades e/ou interesses presente nos indivíduos em sociedade. Ressalte-se que a tecnologia se configura como uma iniciativa de altíssima complexidade, a qual engloba um conjunto de aspectos, a saber,

[...] tecnologia tem relação [não linear] com a ciência, com a técnica e com a sociedade; tecnologia integra elementos materiais ferramentas [sic] máquinas, equipamentos e não materiais saber fazer, conhecimentos, informações, organização, comunicação e relações interpessoais; tecnologia tem relações com fatores econômicos, políticos e culturais; evolução da tecnologia é inseparável das estruturas sociais e econômicas de uma determinada sociedade (BAZZO, 1998, p. 117).

Nesse contexto, é nítido que a tecnologia não é um recurso neutro e instituída pelo acaso, mas sim um recurso que para ser criado necessita ser planejada, pontuando: necessidades, interesses, aplicações, desejo, etc. Assim sendo, é indispensável compreender que a organização curricular do ensino da geografia necessita de inovações tecnológicas (CALADO, 2012).

Ressalte-se que no ano de 2019, o mundo foi surpreendido com a pandemia do denominado novo coronavírus SARS-COV-2 ocasionando um novo paradigma: o novo padrão de normalidade (SCHIRAT, 2020)³, o qual trouxe novos hábitos, como por exemplo, o distanciamento social, o uso de máscaras e a utilização do álcool 70%, o isolamento e, sobretudo, o fechamento de inúmeras instituições, dentre elas, as escolas, as quais foram obrigadas a aprender a aprender devido a esse novo normal sendo obrigada a aderir à proposta política da vigilância sanitária de teletrabalho (DURÃES; BRIDI; DUTRA, 2021).

Com efeito, o ensino remoto emergencial emergiu como a contribuição mais eficiente e significativa nesse cenário, pois o conhecimento escolar tinha que ultrapassar a dimensão estritamente local, regional, particular ou fragmentada e adotar uma perspectiva de compreensão globalizada, conforme Young,

O currículo tem que levar em consideração o conhecimento local e cotidiano que os alunos trazem para a escola, mas esse conhecimento nunca poderá ser uma base para o currículo. A estrutura do conhecimento local nunca poderá ser uma base para o currículo. A estrutura do conhecimento local é planejada para relacionar-se com o particular e não pode fornecer a base para quaisquer princípios generalizáveis. Fornecer acesso a tais princípios é uma das principais razões pelas quais todos os países tem escolas (YOUNG, 2007, p. 13).

³ <https://www.insper.edu.br/noticias/novo-normal-conceito/>

Ressalte-se que não há um desprezo pelas particularidades locais, mas que o ensino de geografia deve seguir aquilo que preconiza o Ministério da Educação no que se refere a referenciar o ensino brasileiro a partir de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL 2018), indispensável para valorizar as potencialidades do currículo, até porque não se pode pensar que todas as particularidades locais cada qual com suas singularidades possam ser elementos da BNCC, mas também, a meu ver, não se pode descartá-las.

Entende-se também que o domínio da ciência geográfica esclarece o processo de produção da existência humana no decorrer do espaço e do tempo em seus aspectos materiais e imateriais e histórico-cultural (GRAMSCI, 1988).

Entretanto, o ensino da geografia não deve ser deixado na responsabilidade do estudante, pois apesar dele ser um “ser conectado” deve ser orientado em sua formação e de como pesquisar, haja vista que o adolescente pode se deter na superficialidade proposta pela busca da pesquisa na internet, enquanto, na verdade, a pesquisa na internet deveria levá-lo a uma atitude de curiosidade e de crítica, por meio do qual ele é movido a buscar respostas e não acessar coisas já prontas, a exemplo, do que a sociedade já oferta como *fast food*, mecanização das atividades, automação de processos (GAZZOLA;ARBOIT;PACHECO, 2014).

Mediante a isto, torna-se perceptível que se deve levar em conta a capacidade do jovem de se tornar autônomo intelectualmente, de modo a interpretar a realidade geográfica que o cerca, bem como, entender a dinamicidade vivida nos mais diversos espaços compreendendo a heterogeneidade das sociedades, e isto pode ser possibilitado pelo incremento das inovações tecnológicas (CAVALCANTI 2011).

É importante ressaltar que, no Brasil, a maioria dos estudantes economicamente carentes frequentam a escola pública (MULLER, 2022), e por esse motivo, talvez não disponham de dispositivos tecnológicos ou de acesso à internet e, logicamente a escola não poderá fazer a exclusão desses estudantes, até por conta da cultura da educação inclusiva, por isso deve pensar em formas de incluí-los no mundo digital a fim que sejam estabelecidas as igualdades de oportunidades.

Destarte, na era da informação digital ou da denominada *cybercultura*⁴ os equipamentos tecnológicos, sobretudo os dispositivos móveis foram os mais utilizados neste tempo chamado de novo padrão de normalidade em metodologias alternativas contrastando com a realidade supramencionada.

⁴ Condição social influenciada pelo uso contínuo de computadores, para a comunicação, diversão ou negócios (In: DICIO, **Dicionário** Online de Português. Porto: 7 Graus, 2020)

Ressalte-se que por meio destes dispositivos móveis, o ensino da geografia poderia ser significativo, no entanto, o potencial dessa tecnologia não é norteada aos estudantes que se detêm em conteúdos apelativos e sensacionalistas das redes sociais descartando a profundidade de temas relevantes para a melhoria da sociedade de modo *sui generis*.

Como se pode perceber, o mundo muda a escola e o papel do professor também mudam e para que escola possa alcançar os objetivos é necessário a existência de um conjunto de competências, pois a escola abarca a heterogeneidade, ou seja, as diferenças entre estudantes com realidades totalmente distintas e, ainda que os alunos aprendem por métodos diferentes.

Para isso, é indispensável o professor produzir situações de aprendizagem trazendo para a aula situações do cotidiano do estudante para que possa interligar os diversos tipos de saberes as suas vivências/experiências, porquanto o estudante não é vazio (PINTO, 2016). Nas palavras de Perrenoud,

A escola não constrói a partir do zero, nem o aprendiz não é uma tábula rasa, uma mente vazia; ele sabe, ao contrário “muitas coisas”, questionou-se e assimilou ou elaborou respostas que o satisfazem provisoriamente. Por causa disso, o ensino choca-se de frente com as concepções dos aprendizes (PERRENOUD, 2000, p. 28).

E muitas dessas informações são de telejornais, redes sociais, internet, em suma informações das denominadas novas tecnologias da informação e da comunicação – TICs ou NTICs e, para que possam utilizar coerentemente as tecnologias, os educandos devem também ser preparados.

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético, e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação (PERRENOUD, 2000, p. 128).

A atual geração denominada “alfa”, a qual inclui crianças nascidas a partir de 2011 forma a geração em que a tecnologia é uma extensão de sua forma de conhecer o mundo, pois essa geração já nasce em meio às novas tecnologias e, logicamente, essa geração não irá retroceder para um modo de ensino ultrapassado.

Então caberá ao professor também lançar mãos das novas tecnologias, haja vista que o ser humano está em constante aprendizado. Nesse contexto, o professor deverá estar preparado para assumir novas funções de acordo com a configuração do que está acontecendo. De fato, o professor deve estar em constante reinvenção. Exemplo disso é a pandemia de COVID-19, a qual fez o professor buscar novos meios tecnológicos para o teletrabalho como alguns

aplicativos como Google Meet, Teams, Youtube, Google sala de aula, WhatsApp, Podcast, gravações, videochamadas, enfim aquilo que era possível para dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem.

O professor do século XXI já observa a tecnologia como aliada, embora alguns professores rejeitem alguns meios como as redes sociais devido a possível invasão de sua privacidade por parte dos estudantes; ou outros de gerações passadas que não tentam reinventar-se colocando obstáculos a sua própria inclusão no mundo digital (BEZERRA, 2014).

Embora nem todo mundo disponha dos mesmos meios tecnológicos, sempre há um meio acessível à maioria da população, como por exemplo, a televisão, a qual é considerada como um meio que possibilita a análise de múltiplas facetas. Nas palavras de Napolitano, “[...], nos usos sociais da TV, interferem fatores importantes, muitas vezes ambíguos, que são fundamentais em qualquer experiência cultural e simbólica: razão e emoção; sonho e realidade; lazer e trabalho; tédio e frustração” (NAPOLITANO, 2003, p. 17).

O conteúdo televisivo traz à tona aquilo de acontece na realidade, mas não se pode esquecer que existe uma ideologização sobre os conteúdos expostos com o intuito de incorporar nos indivíduos determinados elementos como valores, comportamentos ideológicos, a exemplo de programas de TV no domingo, os quais reforçam o pensamento de Theodor Adorno⁵, o qual afirma que o entretenimento é uma “mera” descontração com o intuito de inibir a reflexão sobre as reais condições de vida ou até mesmo de impedir um diálogo sobre os problemas presentes nas comunidades-sociedades (COSTA *et al*, 2003)

E o professor deve estar a par de tudo o que acontece a fim de promover uma aula não somente dinâmica, mas, sobretudo, reflexiva com vistas a formar um ser pensante e não alienado, pois os meios de comunicação dispõem de um acúmulo de informações levando aos indivíduos a pensar em um padrão cultural homogeneizado. A esse respeito Cavalcanti (2006) esclarece que.

O mundo de hoje caracteriza-se por grandes avanços tecnológicos, sobretudo nas áreas de comunicação e informação, por um lado, eles permitem a simultaneidade, ou seja, “presenciar” todos os fenômenos e acontecimentos, pois a comunicação ocorre em tempo real. Permitem também colocar “a disposição”, para o mundo, o conhecimento acumulado. Mas por outro lado, a comunicação de massa tem levado a um processo de homogeneização cultural – como a universalização dos gostos, da

⁵ Adorno acredita que a cultura da sociedade capitalista impõe um mecanismo de construção da heteronomia (ou seja, a sujeição do indivíduo à vontade de terceiros), fazendo o homem ser igual ao coletivo e perder, assim, sua individualidade. Sob esse ângulo, o indivíduo perde a capacidade de pensar e agir por conta própria e, conseqüentemente, de ser solidário e respeitar o próximo. Na opinião dele, somente essa alienação poderia explicar uma situação tão grave como a barbárie presente na sociedade - Adorno utiliza o Holocausto e os campos de concentração como símbolos máximos da selvageria humana. Disponível em: <https://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/educacao-para-pensar-autonomo-theodor-adorno-escola-frankfurt-teoria-critica-formacao-humanistica-511236.shtml>.

alimentação, dos hábitos de consumo, do lazer, dos modelos de vida social; à democratização da idéia (SIC) de consumo, do ideal de consumo. Essa realidade tem afetado a percepção espacial a tal ponto que já se questiona a validade de algumas categorias clássicas da geografia, como a paisagem, que tem tradicionalmente um forte componente empírico e no entanto, atualmente pode ser também produzida e percebida virtualmente. (CAVALCANTI, 2006, p.29)

Diferente do que se pode pensar que o fenômeno da globalização é estritamente econômico, ela também ocorre em outros setores como na cultura e na informação, por exemplo. Nesse contexto, são produzidos valores ideológicos a serem disseminados como consumismo, modismo, preferências por *fast food's* e isso nos leva a pensar que o espaço mundial é homogêneo (COUTINHO, 2014).

É dentro destas conjunturas que o professor precisa esclarecer para os educando sobre a importância selecionar e analisar as informações, pois, neste caso, diferente do que a mídia prega o espaço mundial não é homogêneo, mas sim heterogêneo, pois pode ser ter um determinado produto em uma escola global, como a famosa coca cola, mas nem todos possuem dinheiro para usufruí-la. Nesse sentido, o educando deve refletir sobre cada informação a fim de analisá-la em contextos situacionais, ideológicos, históricos, políticos, econômicos, culturais, sociais e, sobretudo, espaciais (SOBRINHO, 2018).

E logicamente para um processo de ensino e aprendizagem de geografia que seja significativo, o professor deve valer-se das metodologias que estiverem a sua disposição ou que sejam viáveis a este processo. Como exemplo, pode-se mencionar os gráficos, pois para que,

Os alunos da geografia utilizam a linguagem dos gráficos como alternativa à linguagem escrita, para entender a Geografia como ciência. Nós devemos ensinar o gráfico como uma linguagem visual e tão importante quanto a linguagem escrita, para comunicar ou obter informações. Consideramos a importância de reconhecer o gráfico como linguagem que comunica as informações, com organização lógica, por meio de uma imagem. Ele é uma importante ferramenta para entender Geografia como ciência, pois, para expressar os dados investigados por uma imagem, obriga o sujeito da investigação e da representação a entrar no conteúdo para entendê-lo em sua organização lógica e elaborar uma imagem que “fale” (PASSINI, 2009, p. 214).

Em suma o uso dos gráficos, auxilia o processo de desenvolvimento de cognição e do processo de ensino e aprendizagem principalmente se aliado a outras disciplinas, pois se pode perceber como uma das funções do gráfico, o desenvolvimento do pensamento lógico que correlacionado aos conhecimentos matemáticos seria de fundamental importância para a vida do estudante haja vista que telejornais apresentam constantemente gráficos para as mais diversas situações do cotidiano, tornando-o, inclusive uma ferramenta universal (PEIXOTO; CRUZ, 2011).

Outra ferramenta a ser utilizada, é a linguagem, por exemplo, via cinema, porquanto “a linguagem do cinema é uma produção cultural que pode ser utilizada em sala de aula a fim de abrir cada vez mais horizontes intelectuais para a análise do mundo, necessária a formação da criança e do jovem (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009. p. 279).

Quem irá desdizer que um filme como “Tempos Modernos” do produtor, diretor e roteirista Charles Chaplin não é uma excelente aula de geografia retratando o cenário da modernidade, do capitalismo e da revolução industrial?

Com efeito, o filme acima mencionado enfoca a vida urbana nos Estados Unidos na década de 30. Após a crise de 1929, a depressão atingiu a sociedade norte americana levando a maioria daquela sociedade ao desemprego e à fome, em uma sociedade capitalista, moderna e industrial. E o professor poderá mostrar algumas cenas do referido filme para expor ou dialogar com seus alunos sobre o contexto, o qual o filme retrata ou até mesmo fazer comparações com a época atual.

Assim sendo, os filmes atualmente trazidos em alta pela Netflix, por exemplo, trazem à tona informações que podem subsidiar reflexões ou complementar conteúdos e assuntos percorridos em sala de aula, ou seja, podem ser utilizados como instrumentos didático-pedagógico para o ensino da geografia (COPATTI, 2016)

Mediante a isto, não se pode negar que as metodologias, sobretudo, as mídias digitais são necessárias em uma era da informação digital, pois, sem dúvidas são mais atrativas comparadas as tradicionais, que por sua vez não devem ser descartadas, mas sim correlacionadas às novas tecnologias, em conjunto com a formação inicial e continuada dos docentes para um ensino e aprendizagem significativos (SANTOS; ALMEIDA, 2021).

Interessante mencionar a aprendizagem significativa nos tempos atuais, pois as tecnologias da informação e da comunicação colocam a disposição de todos diversos meios de entretenimento e isso acaba, de certo modo, prejudicando a qualidade de ensino, ainda mais quando o professor não sabe lidar ou não estar disposto a aprender ou até mesmo a fazer uso de uma dada tecnologia como um recurso para uma aprendizagem significativa. Nas palavras de Antonio Gregório Silva (2014):

Contudo, como professores, precisamos compreender que as tecnologias digitais não devem ser alçadas a condição de panaceia universal para solucionar todos os problemas da educação. Devemos nos conscientizar que a simples introdução das TIC's em sala de aula não melhora o aprendizado automaticamente, porque a tecnologia dá apoio a pedagogia, e não vice-versa, ou seja, elas podem ser utilizadas como uma estratégia pedagógica adicional, **jamais como substituto do professor**. O bom senso profissional exige que devemos utilizá-la com parcimônia e, preferencialmente, com muito planejamento (SILVA, 2014, p. 65. grifo nosso).

Em síntese, a pandemia de COVID-19 foi o contexto histórico que provou ser fundamental a presença do professor na educação como acima é destacado na citação, mas ele depende de uma série de fatores como a formação continuada e isso inclui um curso para o uso das TIC's relacionados, neste caso, ao ensino da geografia.

Mas utilizar os meios digitais não quer dizer que isso vá resolver todos os problemas inerentes ao âmbito educacional, pois um professor motivado estimula o educando para que possa estudar – ora, é presente as reclamações de professores, os quais afirmaram que durante seus teletrabalhos, no período pandêmico, alguns alunos diziam não ter internet, mas os que tinham por diversas vezes mentiam sobre a falta de conexão; e em outros caso, realmente existia a falta de conexão ou a qualidade de sinal era muito ruim. E a partir de então poder refletir com assuntos reais que o cerca podendo contribuir com sua realidade local.

Em se tratando do uso da internet, também merece destaque a relação entre os imigrantes digitais e os nativos digitais, termos respectivamente, em termos gerais, equivalentes a professores e estudantes. Ressalte-se que é imperativo no mundo globalizado a tendência a novas descobertas tecnologias e o uso cada vez mais constante de tais tecnologias. E, logicamente, o professor deverá fazer o uso de tais aparatos tecnológicos para que desperte o interesse no jovem estudante, mas o fato é que determinados professores resistem à imposição das mudanças e, isso afeta, indubitavelmente, a qualidade de ensino porque passa a ser visto como obstáculo. Entretanto,

Os problemas ou limitações do uso da internet não deve se tomar um desestímulo para o professor e os profissionais da educação, já que, observa-se que as potencialidades justificam e promovem o empenho de todos (professores, alunos, escola...) na superação dos obstáculos para o uso da ferramenta com o apoio positivo para o processo de ensino e aprendizagem crítica, reflexiva e colaborativa (ALMEIDA, 2016, p. 46).

Notadamente, é preciso saber fazer o uso adequado das mídias digitais, principalmente, em um mundo onde os veículos de informação, ou mais especificamente, os telejornais colocam notícias de acordo com seus interesses particulares a fim de que a informação ali repassada possa ser filtrada pela reflexão e pela criticidade, a meu ver.

Também, deve-se levar em conta que nem todos que nasceram pós-2000 podem ser considerados nativos digitais, pois em se tratando de países pobres ou da exclusão aos meios digitais, além de índices significativos de analfabetismo ou ainda de professores que dominam as TIC's, há a presença de desigualdades de acesso e de oportunidades (SILVA, 2018).

Mas fato é, que mesmo em meio às dificuldades, o professor, deverá se valer dos recursos de estratégia de aprendizagem disponível para “viajar” o mundo fascinante com seus estudantes (SILVA, 2023). Ao se tratar desse tema é indispensável apontar que a formação de professores no cenário brasileiro não desfruta de nenhum privilégio, bem como, não goza de prestígio social e, como se não bastasse, é desvalorizada economicamente além de governos que não proporcionam cursos de formação continuada e permanente para esses profissionais a fim de estabelecer um processo de estagnação nos professores.

2.3 A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DOS DOCENTES EM GEOGRAFIA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ENSINO GEOGRÁFICO SIGNIFICATIVO

A formação de professores necessita ser contínua, pois apesar de extenso conhecimento sobre o sistema educacional, a sociedade sofre mudanças superficiais ou até mesmo radicais, além do que as diversas realidades, os diferentes espaços, paisagens, sistemas econômicos, territórios, formas de poder sofrem modificações a todo tempo, e isto, precisa ser compreendido no mundo que vivemos (SILVA, 2007).

Ensinar determinados conteúdos no ensino médio não é tarefa tão simples como podemos pensar, pois a organização curricular como foi mencionada anteriormente está direcionada para apenas duas categorias: a de formar profissionais capacitados para o desenvolvimento de tarefas no mundo de trabalho e a de formar sujeitos para a liderança (MONTEIRO; SILVA 2015).

A qualidade do ensino é afetada pela estruturação da organização curricular, bem como pela responsabilização atribuída ao professor, ou melhor, dizendo culpabilização, pela má qualidade do ensino, enquanto que na verdade a educação é fator indispensável para o desenvolvimento econômico na acepção neoliberal, a qual afirma que a educação ofertada pelo Estado é improdutiva sem pensar que, pelo menos em nossa realidade, raríssimamente são ofertados cursos para o aperfeiçoamento ou atualização dos professores.

Além do que as instituições de ensino não oferecem uma estrutura adequada para a evolução do processo ensino e aprendizagem a fim de produzir sujeitos atuantes no processo educacional e que possam contribuir significativamente com o desenvolvimento da sociedade (CARRANO, 2010).

A formação dos professores tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio precisa envolver teorias e práticas atreladas as metodologias alternativas em conjunto com as inovações tecnológicas a fim de criar aulas mais interessantes e mais atrativas aos jovens da

atualidade que possuem infinitas opções atrativas para tornar o estudo algo sem interesse (CARVALHO et al, 2023). Para tal, é indispensável pensar na relação entre professor e aluno como peças-chaves. De acordo com Tardif,

Na realidade, no âmbito dos ofícios e profissões, não creio que se possa falar do saber sem relacioná-lo com os condicionantes e com o contexto do trabalho: o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer. Além disso, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc. Por isso, é necessário estudá-lo relacionando-o com os seus elementos constitutivos do trabalho docente (TARDIF, 2002, p. 11).

Com efeito, um professor bem preparado poderá instruir o estudante para compreender, bem como, ser um agente de transformação no mundo contemporâneo. Para tal, tanto professores quanto os estudantes necessitam ter formação que proporcione a problematização da realidade socioespacial, bem como, pensar e atuar criticamente sobre a realidade que os cercam a fim de que os objetivos da referida disciplina sejam alcançados (COUTINHO, 2014).

Ressalte-se que para a obtenção de uma aprendizagem significativa no ensino da geografia, a referida ciência/disciplina ou mais precisamente área de conhecimento pode ser considerada como um processo de construção de conhecimento na tentativa de compreender a dinâmica socioespacial em um dado tempo (HAGAT, 2014).

Partindo desse pressuposto, é indispensável que os educadores (re)pensem e reflitam sobre a práxis escolar de modo a incorporar novas mudanças e incorporação de metodologias que possam contribuir com a proposta do ensino significativo da geografia (PEREIRA *et al*, 2021).

Ressalte-se que no processo ensino e aprendizagem é fundamental desenvolver competências e habilidades para que haja uma produção de qualidade do conhecimento geográfico. Desta forma, “O professor deve atuar no sentido de se apropriar de sua experiência, do conhecimento que tem para investir em sua emancipação e em seu desenvolvimento profissional, atuando efetivamente no desenvolvimento curricular” (CASTELLAR, 2003, p. 113).

Diante disso, torna-se perceptível as especificidades da geografia como conhecimento indispensável para compreender o mundo, mas para tal deve estar combinada em conjunto com vieses filosóficos, sociológicos, históricos, metodológicos, pedagógicos (CASTROGIOVANNI, 2000).

Logicamente que para conseguir tão feito, os professores necessitam de qualificação profissional para estarem aptos a se reinventarem conforme as mudanças ocorridas na sociedade. E como já foi mencionado, os professores devem dominar o conteúdo e criar estratégias de ensino, a fim de que o aluno perceba não tão-somente o conteúdo em si mesmo, mas sim a interação entre conteúdos escolares e a realidade espacial. Uma estratégia muito eficiente seria a relação entre o ensino e a pesquisa, pois,

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...] enquanto ensino continuo buscando, reprocurando Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 32)

Com esse pensamento de Paulo Freire, afirma-se que a díade ensino e pesquisa é indispensável ao processo de ensino e aprendizagem tanto para o estudante quanto para o professor, pois esses dois fatores se interrelacionam levando os indivíduos a novas descobertas ou há um aprofundamento daquilo que já se sabe.

Libâneo (1994) afirma que professores possuem uma função dirigente e os estudantes são ativos no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, e, exatamente por essa função dirigente o professor não pode estagnar mais no tempo como aconteceu no passado e para isso precisa reinventar-se, motivar-se, além de provocar, questionar, refletir, buscar e intervir como ator social que é. Nesse aspecto,

[...] o educador nunca estará definitivamente “pronto”, formado, pois que sua preparação, sua maturação se faz no dia a dia, na medição teórica sobre sua prática. A sua constante atualização se fará pela reflexão diurna sobre os dados de suas práticas. Os âmbitos do conhecimento que lhe servem de base não deverão ser facetados, estanques e isolados de tratamento do seu objeto de ação: a educação. Mas serão, sim, formas de ver e compreender globalmente, na totalidade, o seu objeto de ação (CANDAUI, 2000, p. 89).

O professor na era da informação digital ou na era da tecnologia ou na sociedade do conhecimento terá que articular fenômenos espaciais atuais com o conhecimento científico/teórico e traduzir para uma linguagem didática na geografia escolar, além de promover constantes reflexões, produzir debates como forma significativa de ensinar, e também ou ressignificar o ensino da geografia dinamizando os processos de ensinar e aprender (SOBRINHO, 2021).

Mediante a isto, é nítido a necessidade de uma formação inicial e continuada de professores para que tenham condições de criar metodologias e/ou estratégias de ensino que deem significado a aprendizagem do ensino de geografia no que se refere a apropriação de termos geográficos técnicos e da compreensão da relação ser humano-natureza ou mais precisamente, sociedade e natureza (SANTOS; MOURA, 2021).

Ressalte-se que o comportamento dos estudantes se modificou substancialmente, principalmente pelo incremento das inovações tecnológicas (TONET, 2014). E isso traz à tona uma conseqüente mudança no perfil do profissional da educação, o qual necessita ter determinadas competências/habilidades para que o estudante, a exemplo do professor possa vir a refletir, a questionar ou a indagar. Deste modo, para que se possa formar o espírito geográfico é requerido que,

O emprego de métodos de ensino, metodologias e técnicas que superem a simples transmissão de informações e que se assentam em alternativas para mobilizar o intelecto do aluno, fazendo com que ele se pergunte e não apenas espere respostas. As perguntas não vêm do nada e devem necessariamente superar o senso comum para o que se faz necessário criar condições, dando oportunidade de deter conhecimentos que considerem, tanto as referências teóricas quanto as informações relativas ao mundo em geral (CALLAI, 2001, p. 152).

Partindo desse pressuposto, é necessário ponderar que a aquisição de conhecimento subsidia nossa visão de mundo, em conjunto com as influências que nos circundam moldando os processos de formação da personalidade e da mentalidade. E para que o professor possa formar o espírito geográfico, primeiramente, é imperativo ignorar o saber “cristalizado” e ir ao encontro do educando enquanto ser em formação intelectual e humanística. Aqui o professor precisa, de modo geral, sair de sala de aula e permitir ao educando ser ouvido, orientá-lo na busca pelo conhecimento.

E não há como se negar, pois, a profissão exige permitir-se ao outro, colocar-se a disposição do outro, principalmente quando o outro é o sujeito em formação em uma era denominada era de incertezas no mundo de relações líquidas (BAUMAN, 2001)⁶.

Diante do exposto, o docente cabe primar pelas competências/habilidades que são necessárias ao processo de ensino e aprendizagem, como por exemplo, a busca constante do

⁶ Bauman defende a tese da sociedade líquida. Líquida no sentido de que as relações, com o passar do tempo, estão ficando cada vez mais superficiais e o contato entre os indivíduos é cada vez menor. Uma de suas mais famosas frases é que “as relações escorrem entre os dedos”. <https://www.oconhecimento.com.br/relacoes-liquidas-diferencas-entre-amizades-reais-e-virtuais/#:~:text=Bauman%20defende%20a%20tese%20da,rela%C3%A7%C3%B5es%20escorrem%20entre%20os%20dedos%E2%80%9D>.

aperfeiçoamento: uma exigência já não tão distante será a da língua brasileira de sinais para uma educação inclusiva; o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, pois a escola é um universo das mais variadas emoções; saber lidar com as novas tecnologias e inclusive utilizar-se delas dentro das metodologias ativas de ensino como a *gameficação*, dentre outras competências necessárias ao professor do tempo presente para a espacialidade do educando de nível médio (MÜLLER et al, 2022).

Para tal efeito, é necessário que o professor busque atualizações, reinvente-se e esteja disposto a galgar degraus de formação continuada. É notável que uma formação inicial bem trabalhada se afigura um bom ponto de partida, posto que o mundo sofre constantes mudanças trazendo à tona determinados eventos inéditos, como por exemplo, o que foi vivenciado no contexto pandêmico, o qual segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura afirma trazer “perturbações de grandes dimensões e sem precedentes na história da educação” (UNESCO, 2020, p. 05).

Exatamente, para tentar evitar tais eventos é viável um redesenho ao perfil de formação inicial do professorado, e, este, redesenho poderia ser por meio do estreitamento de laços entre o bacharelado e a licenciatura, em outras palavras: da coesão entre pesquisa e ensino a fim de que se possa desenvolver as potencialidades, as competências e as habilidades de forma exitosa para uma prática de ensino significativa (SANTOS; SOUZA, 2020).

E de fato, realmente é necessário que o profissional da educação busque aperfeiçoar-se, haja vista que o cenário real se modifica constantemente; e este, esteja preparado para enfrentar os desafios no quadro da realidade educacional como estudantes que sofrem de ansiedade, aqueles que precisam ser ouvidos ou necessitam de um pouco de atenção, aqueles que possuem um ambiente familiar instável e dentre inúmeros outros exemplos (VIDAL *et al*, 2019) . Sendo assim,

Percebe-se que há uma busca por uma visão que articule a formação docente por todas as etapas e momentos da atuação do profissional docente. O professor, sendo um ser humano incompleto e constantemente inacabado, precisa estar em constante formação e constituição do seu saber docente. Todavia, todos os processos de formação devem partir das reais necessidades escolares, dos desafios e inquietações desses docentes com base em conhecimentos técnicos, científicos e, sobretudo, de contexto social e multicultural sobre a diversidade de perspectivas de ação docente, tendo em vista os múltiplos territórios e territorialidades existentes no Brasil (BATISTA; DAVID, FELTRIN, 2019, p. 07).

No tocante a formação docente deve-se primar pelas melhorias profissionais, pessoais, mas também que visem pensar a escola, o currículo, assim como, as contribuições para a sociedade em geral.

Validamente, o contexto histórico pós século XVIII trouxe à tona mudanças em decorrência da presença de determinadas inovações tecnológicas, as quais possuem diversos atributos, entre os quais, o encurtamento de distâncias e as informações em tempo real (ALMEIDA, 2016).

Notadamente, há um elo entre o universo macro educacional proposto por órgãos de poder e o universo micro educacional realidade da comunidade escolar ou da realidade local. Isso equivale dizer que o professor deve estar preparado não somente para ser o ministrante de conteúdos escolares propostas determinadas por certas normativas, mas também que ele possa perceber a escola como um espaço para as interações socioculturais, bem como, a escola é um espaço que abarca os diferentes e, portanto, diversas culturas (PONTES; SILVA; SANTOS, 2013).

Aqui, concebe-se a presença do professor como agente atuante para orientar devidamente seus estudantes a se posicionarem de maneira crítica, reflexiva, consciente e responsável a fim de que haja um entendimento mais preciso e pontual sobre a dinâmica do espaço subsidiando o planejamento das ações do homem tanto no meio natural como nas relações sociais nos níveis locais, regionais, nacionais e globais.

3 PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS

Esta pesquisa contextualiza o uso de mídias digitais no ensino da geografia na Escola Estadual Professor José Barroso Tostes, em contexto pandêmico, na qual faz-se alusão dos meios tecnológicos atrelado ao campo educacional. A referida temática abarca uma tríade, a saber: mídias digitais – ensino da geografia – formação docente, o que norteou a elaboração do referencial teórico.

Com efeito, em um primeiro momento – em que houve a escolha do tema – havia uma perplexidade: o que pesquisar? Mas repentinamente um *insight*, porquanto das experiências vividas na própria universidade com determinados espaços que não foram equipados, escassez de financiamento e ausência de recursos tecnológicos. E nesse contexto emergiu uma reflexão: como é a realidade da escola pública no que se refere às mídias digitais no que se refere ao ensino da geografia

Para tal, foi realizado o levantamento da revisão de literatura e imediatamente uma autora, a qual já havia o contato neste percurso acadêmico, chamou bastante atenção: Lana de Souza. Outro texto interessante foi: “Novas tecnologias digitais da informação e da comunicação no ensino da geografia: um olhar sobre o ensino público de Recife” do autor Ítalo

D'artagnan. Ressalte-se que foram realizadas buscas em sítios de pesquisa, neste caso, especificamente, o *google acadêmico* utilizando como descritores, principalmente, as palavras/expressões: “ensino da geografia” e mídias digitais”, as quais indicaram algumas pesquisas, como por exemplo, a que consta na revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ANPEGE.

Para a consecução da pesquisa foi selecionado, como *lócus* de estudo, a Escola Estadual Professor José Barroso Tostes, tendo como população da referida pesquisa 640 alunos, da 1ª e 3ª série do ensino médio, dos períodos matutino e vespertino. Para uma pesquisa com grau de confiança de 90% e margem de erro de 5% obteve-se uma amostra de 140 estudantes. Para a obtenção da amostra foi utilizado uma calculadora amostral (levando em conta que a população é homogênea). Foram escolhidos, de forma aleatória, alunos da 1ª série do novo ensino médio em decorrência da entrada na escola como novatos e da última série do ensino médio regular devido já conhecerem a realidade escolar da instituição pesquisada, totalizando 20 turmas.

Ressalte-se que a escola está passando por um processo de atualização de seu projeto-Político-Pedagógico (PPP), o que irá ocasionar mudanças, pois este documento já abarca uma nova realidade: o novo ensino médio que traz determinadas novidades como disciplinas inéditas, como é o caso do projeto de vida, eletivas e trilhas.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ BARROSO TOSTES: HISTÓRICO, ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

3.1.1 Histórico da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes

Grupo Escolar Professor José Barroso Tostes, esse foi o primeiro nome dado a esta instituição de ensino, por ocasião de sua fundação, em 10 de outubro de 1961, por meio do decreto nº 048/61- pelo Governo do Território Federal do Amapá – GTFA, publicado em 12 de outubro de 1961, no jornal do Amapá. No dia 01 de junho de 1962 ocorreu a inauguração do Grupo Escolar Professor José Barroso Tostes, tendo como sua mantenedora a Secretaria de Estado da Educação do Amapá – SEED. Nesta época o Dr. Raul Monteiro Valdez ocupava governo do Estado do Amapá e o secretário de educação era o professor Lucimar Amoras Del Castillo (informação concedida pela secretaria da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes).

O nome dado a essa instituição foi em homenagem ao célebre professor José Barroso Tostes. O prédio era uma casa simples, tipo “barraca”, com apenas 3 salas de aula e uma

diretoria, funcionava em dois turnos de 1ª a 4ª série primária e, tendo, como primeira diretora Gentila Anselmo Nobre, eminente educadora no município de Santana. (informação concedida pela secretaria da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes).

O então grupo Escolar Professor José Barroso Tostes, entre os anos de 1974 e 1983 teve implantado o ensino que abrangia todo o denominado 1º grau – atual Ensino Fundamental – tendo iniciado a partir da 5ª série e, então, a escola passou a se chamar Escola de 1º Grau Professor José Barroso Tostes

Em 1984 foi implantado o ensino de 2º grau (atual Ensino Médio) com o curso básico (1º ao 3º ano) passando a se chamar Escola de 1º e 2º grau Professor José Barroso Tostes. Atualmente a escola está registrada como Escola Estadual Professor José Barroso Tostes

No ano de 1996, além dos cursos de 1 e 2 graus, foi implantado o Curso Técnico em Processamento de dados, que funcionou até 2001. Sua cessação se deu pela falta de estrutura. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, os cursos de 1 e 2 graus passaram a ser denominados Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio. E gradativamente o Ensino Fundamental será cessado (informação concedida pela secretaria da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes).

Em 2011, além de funcionar o Ensino Fundamental II e Ensino Médio Regular, foi implantado o Ensino Médio integrado, sugerido pela Secretaria de Educação. O curso denominou-se “Ensino Médio Integrado Técnico em Informática” que formou vários técnicos até 2017, sendo que foi extinto pela baixa procura, devido a duração do curso de 4 anos (informação concedida pela secretaria da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes).

No ano de 2012 foi implantado o Programa de Ensino Médio Inovador (1ª a 3ª série), que funcionou até 2015. A finalização do programa supramencionado deu-se devido à falta de repasses do recurso destinado ao programa, pela forte crise econômica que o país atravessava (Circular nº 01/2016 GAB/SEED) (informação concedida pela secretaria da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes).

Em 2012, a escola encerrou as turmas de Ensino Fundamental devido seguir a legislação vigente, onde as escolas públicas estaduais passariam a executar suas atividades com o Ensino Médio (informação concedida pela secretaria da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes).

Durante o período de 1962 a 2018 a Escola Estadual Professor José Barroso Tostes foi administrada por 25 diretores. A atual gestão é a segunda a ser eleita por meio do voto da comunidade escolar em decorrência do processo eleitoral de gestão democrática, tendo como

atual diretor, o professor Carliendell Dias Magalhães (informação concedida pela secretaria da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes).

Atualmente a Escola Estadual Professor José Barroso Tostes localiza-se na Avenida 7 de setembro, nº 186, bairro Central, no município de Santana, distante a aproximadamente 17 km da Capital Macapá, no Estado do Amapá. É considerada de boa estrutura física e de médio porte, com excelência na qualidade de ensino.

Figura 01 – Escola Estadual Professor José Barroso Tostes



Fonte: Autoria própria, 2023.

3.1.2 Estrutura física da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes

Atualmente a Escola Estadual José Barroso Tostes, funciona com o novo ensino médio (1ª série) e o “Ensino Médio Regular” (2ª e 3ª séries) nos turnos manhã e tarde, tendo como estrutura: 15 Salas de aula, 01 Sala de Biblioteca, 01 Sala da Secretaria Escolar/ 2 salas de arquivo, 01 Sala da TV escola, 1 Sala de professores/sala de educação física (com banheiro masculino e feminino), 01 Sala de Reprografia, 01 Sala de Coordenação Pedagógica, 01 Sala do AEE, 01 Sala da Direção, 01 Sala de Leitura, 01 Sala de Música do Projeto cabo Norte; 01 Depósito, 01 Cozinha, 1 Refeitório, 01 Lanchonete, 01 Banheiro masculino, 01 Banheiro feminino, 01 Quadra de Esportes Coberta (informações concedidas pela gestão escolar)

3.1.3 Organização pedagógica da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes conforme Projeto Político Pedagógico

A Escola Estadual Professor José Barroso Tostes oferta apenas o Ensino Médio, etapa final da educação básica, com duração de 3 anos. A partir de 2022, a instituição passou por um processo de mudança do ensino médio regular para o Novo Ensino Médio, principiando pelas turmas de primeira série, e progredindo gradualmente até que as 3 séries estejam completamente integradas às novas diretrizes.

A previsão era que a escola atenda até 1.030 alunos divididos em dois turnos (vespertino e matutino), cada turno com 15 turmas, sendo 13 com 35 alunos e 2 com 30 alunos.

Quanto à escrituração escolar e arquivo, a Secretaria é o setor responsável pela documentação sistemática da vida escolar em seu conjunto. Seu papel é o de proceder, segundo determinadas normas, ao registro: Da vida escolar dos alunos; da vida funcional dos professores e dos agentes administrativos educacionais; dos fatos escolares.

O secretário geral da unidade escolar tem por responsabilidade organizar, sistematizar, registrar e documentar todos os fatos que aconteçam no âmbito da instituição, tornando viável seu funcionamento administrativo e garantindo sua legalidade e a validade de seus atos. A secretaria efetiva o registro das atividades didático-pedagógicas desenvolvidas pela escola com todas as suas implicações.

Atualmente, a secretaria escolar da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes é responsável por organizar a instituição, bem como, atender ao fluxo de trabalho prestando atendimento a toda a comunidade escolar.

Quanto ao currículo no Novo Ensino Médio Segundo a Lei Federal nº 13.415/2017 (BRASIL, 2017) e as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM) (BRASIL, 2018), a organização curricular do Novo Ensino Médio compreende uma parte de Formação Geral Básica, que lista o conjunto de competências e habilidades das áreas de conhecimento previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – Ensino Médio, cuja estrutura será ofertada com a Formação Geral Básica (comum a todos os estudantes), com carga horária máxima de 1.800, sendo permitida a oferta de diferentes arranjos curriculares, de acordo com o local e as possibilidades do sistema (BRASIL, 2018b)

A BNCC destaca a relevância do currículo inovador e comprometido com a educação do século XXI, dedicado à formação geral do estudante, nas áreas do conhecimento e os itinerários formativos, os quais remetem aos estudos de Projeto de Vida, Eletivas e os

Aprofundamentos de Área de Conhecimento, que serão ofertados e cursados pelos estudantes (BRASIL, 2018b)

A Escola Estadual Professor José Barroso Tostes, ofertará a Modalidade Novo Ensino Médio, com carga horária anual de 3.000 horas, em módulos aulas de 50 minutos, sendo 1.800 horas para formação geral básica e 1.200 horas para itinerários formativos. No que se refere à formação geral terá o desenvolvimento das habilidades relacionadas às competências gerais e as áreas do conhecimento, previstas na Base Nacional Comum Curricular – BNCC e no Referencial Curricular do Amapá (RCA) do Ensino Médio para as quatro Áreas do conhecimento/componentes curriculares: Linguagens e suas Tecnologias (Português, Inglês, Artes e Educação Física); Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Biologia, Química e Física); Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (História, Geografia, Sociologia e Filosofia) (PPP, 2023, p. 23).

Além disso, também estão presentes os Itinerários Formativos ofertados pela Escola Estadual Professor José Barroso Tostes para os estudantes que iniciarão na primeira série do ensino médio a ofertada a Disciplina de Projeto de Vida, Disciplinas Eletivas e Trilhas de Aprofundamento. O Projeto de vida atribui sentido e significado à formação de jovens, sendo este um processo de planejamento no qual os indivíduos se conhecem melhor, identificam seus potenciais, interesses e estabelecem estratégias e metas para alcançar os seus próprios objetivos e atingir a realização em todas as dimensões (PPP, 2023, pp. 24-27).

Na Escola Estadual Professor José Barroso Tostes, a disciplina acontecerá ao longo do ciclo de três anos do Novo Ensino Médio, com carga horária de 240 horas, dividido em duas (02) horas aulas semanais, conforme a tabela 01:

Tabela 1. Matriz Curricular

	Área do conhecimento	Componentes Curriculares	Aulas semanais por série			Total de aulas semanais por área	Aulas anuais por série			Carga horária total em módulos de 50'	
			1ª série	2ª série	3ª série		1ª série	2ª série	3ª série		
BASE NACIONAL COMUM	Linguagem e suas tecnologias	Língua portuguesa	2	2	3	7	80	80	120	280	
		Língua Inglesa	2	2	0	4	80	80	0	160	
		Arte	2	0	2	4	80	0	80	160	
		Educação Física	2	0	2	4	80	0	80	160	
	Matemática e suas tecnologias	Matemática	2	2	3	7	80	80	120	280	
	Ciências da Natureza e suas tecnologias	Física	2	0	2	4	80	0	80	160	
		Química	2	2	0	4	80	80	0	160	
		Biologia	2	2	0	4	80	80	0	160	
	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	História	2	0	2	4	80	0	80	160	
		Geografia	2	0	2	4	80	0	80	160	
		Filosofia	2	2	0	4	80	80	0	160	
		Sociologia	2	2	0	4	80	80	0	160	
	Subtotal BNCC			24	14	16	54	960	560	640	2160
	ITINERÁRIOS FORMATIVOS	Projeto de Vida	2	2	2	6	80	80	80	240	
Eletivas		4	4	2	10	160	160	80	400		
Trilha de Aprofundamento		0	10	10	20	0	400	400	800		
Subtotal Itinerários Formativos			6	6	14	36	240	640	560	1440	
Total Geral em aulas de 50'			30	30	30	90	1200	1200	1200	3600	
TOTAL EM HORAS (60')			25	25	25	75	1000	1000	1000	3000	

Fonte: PPP, 2023. p. 23

A Escola Estadual Professor José Barroso Tostes iniciou, em 2022 ofertando quatro eletivas para os alunos ingressos na primeira série do Ensino Médio, cumprindo a carga horária de 160 horas, com turmas de 30 a 35 alunos. A disciplina Eletiva foi organizada em tempos escolares no formato séries, por períodos semestrais, caracterizado pela livre escolha do aluno. As eletivas apresentam temáticas provocadoras da curiosidade e do interesse do estudante, propondo metodologias e práticas educativas ativas e diversificadas.

Os estudantes ingressos da primeira série do ensino médio, no início do ano letivo participarão do Feirão das Eletivas, onde os professores “vendem” suas propostas de forma irreverente e atrativa para conquistar o interesse dos estudantes. Nesse feirão, os alunos deverão realizar sua inscrição na Eletiva que escolheram cursar naquele semestre.

Ao final de cada semestre, após o término das eletivas, todo material produzido pelos estudantes será apresentado à comunidade escolar em um evento de culminância dos projetos.

Já as trilhas de aprofundamento de conhecimento são organizadas em torno de uma temática específica, e seu desencadeamento é dado por unidades curriculares, que promovem a articulação entre objetos e componentes de conhecimento das áreas, das habilidades dos eixos estruturantes previstas na BNCC.

A partir da segunda série do ensino médio até o término da terceira série, o estudante terá a possibilidade de escolher a Trilha de Aprofundamento que melhor condiz com seu perfil e área do conhecimento que deseja se aprofundar. A escola ofertará quatro trilhas de aprofundamento, cada uma com duração de 800 horas, sendo 400 horas realizadas na segunda série e 400 horas realizadas na terceira série.

Até o final da primeira série, o estudante deverá ter feito a escolha da trilha que seguirá nos próximos 2 anos finais do ciclo. Para isso, a escola divulgará, através das aulas de Projeto de Vida, as opções de trilhas existentes e a ementa que compõe cada uma delas. O estudante poderá escolher uma ou duas trilhas para aprofundar os estudos.

Tais trilhas terão o objetivo de aprofundar as aprendizagens relacionadas às competências gerais, às Áreas de Conhecimento, bem como consolidar a formação integral dos estudantes, desenvolvendo a autonomia necessária para que realizem seus Projetos de Vida e Eletiva, promovendo a incorporação de valores universais, desenvolvendo habilidades que permitam ao estudante ter uma visão de mundo ampla e heterogênea, tomando decisões e agindo nas mais diversas situações, sejam na escola, no trabalho ou na vida.

Ressalte-se que em decorrência de todas essas mudanças a Escola necessitou realizar a reformulação do Projeto Político Pedagógico (PPP). A construção do PPP é uma intensa mobilização de estudos, reflexões, pensamentos, discussões, socialização de conhecimentos, trabalho de redação, correção do que foi redigido, com a finalidade de organizar a escola, inclusive política e pedagogicamente, o qual a referida instituição escolar teve que fazer, pois em decorrência da Lei 13.415/2017 que estabelece a Reforma do Ensino Médio que em conjunto com a aprovação da nova BNCC trouxeram modificações expressivas no currículo escolar como a formação geral básica e os itinerários formativos. Tais mudanças foram indispensáveis para que a escola reformulasse o seu PPP, levando em conta a realidade da comunidade escolar também.

Assim sendo, desde o ano letivo de 2021 a escola principiou o processo de reformulação/revisão do seu PPP, inicialmente com a nomeação da comissão revisora, composta por todos os segmentos que compõe o colégio como estudantes, professores, servidores em geral, e inclusive, os pais dos estudantes.

Na entrevista, o diretor da escola afirmou que foram realizados encontros para estudos e no período de 21 dias, mais especificamente de 16 de maio até 06 de junho de 2021 foram ouvidos um total de 723 estudantes por meio de um instrumento de coleta de dados abordando problemas, anseios, desejos, condições familiares, condições socioeconômicas e culturais, dentre outras.

O atual gestor da instituição, Carliendell Magalhães (Figura 2) afirmou que esse momento de “ouvidoria” permitiu ter uma visão global sobre o que pensa e idealiza a comunidade e, a partir disso, delinear novas estratégias de revisão do PPP para atender da melhor maneira possível as reais necessidades da comunidade.

Figura 2: Gestor da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes.



Fonte: Autoria própria

“É importante salientar que o PPP manifesta a vontade coletiva de todos os segmentos que compõe a escola dentro de uma perspectiva de gestão democrática, mas, sobretudo com o estudante que deve ser o protagonista de sua própria vida, pessoal e profissional”. (PPP, 2023. p.9).

Nessa perspectiva, a escola, ao que parece, tenta construir um sujeito consciente, crítico, o qual possa exercer, de modo pleno, a cidadania e contribuir para melhorias tão necessárias à sociedade. “Além disso, moldar um sujeito ético capaz de respeitar as diferenças extirpando quaisquer tipos de preconceito, discriminações, intolerâncias, discursos de ódio para que os

membros da sociedade convivam de forma pacífica”. (PPP, 2023, p. 12). Em suma, a escola diz almejar a formação de indivíduos que saibam seus direitos e deveres

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A PRÁTICA EM SALA DE AULA NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Ao que parece os estudantes chegam cada vez mais tardiamente ao ensino; e é importante frisar que o ensino médio deve possibilitar aos estudantes uma ampliação dos conhecimentos, neste caso, grifa-se, o geográfico, imprescindível para que o estudante possa conhecer e, inclusive construir determinados conceitos relacionados ao estudo do espaço geográfico. Sendo assim, “ler os fenômenos geográficos em diferentes escalas permite ao aluno uma leitura mais clara do seu cotidiano. Dessa maneira, ele entenderá a realidade, poderá comparar vários lugares e notar as semelhanças e diferenças que eles” (BRASIL, 2006, p. 51).

Convém destacar também que a nível de ensino médio é indispensável que as disciplinas dialoguem entre a fim de haja a superação do caráter enciclopédico, dualista, fragmentado e hierarquizante como já mencionado anteriormente (BRASIL, 2013).

E uma grande novidade estabelecida pela nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018b) e pelas novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) (BRASIL, 2018) orientam a estrutura do currículo por Áreas de Conhecimento, correspondentes as finalidades do Ensino Médio.

Além do mais, o Novo Ensino Médio traz em seu bojo mais 2 divisões no que se refere ao Itinerário Formativo, pois além das Áreas de Conhecimentos, também tem a possibilidade do itinerário com a Formação Técnica e Profissional e com os Itinerários Integrados - as áreas de conhecimento apresentam a seguinte composição: Linguagens e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências Humanas e Sociais aplicadas; Ciências da Natureza e suas tecnologias (BRASIL 2018b).

Ressalte-se que em decorrência de docentes serem formados pela hegemonia do positivismo e do método da ciência, a qual fragmentou o conhecimento na educação escolar convertendo-se em conteúdo específico de determinada disciplina, processo denominado por (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2023) de “produtivismo conteudista”. Inclusive no atual contexto pandêmico, o ensino remoto emergencial trouxe determinadas atividades *on-line* como forma de continuidade do processo de conteudismo (LOUREIRO; VEIGA-NETO, 2022).

No entanto, para que haja uma efetiva eficácia no ensino e aprendizagem é necessário que haja a proposição para uma educação holística tanto da formação do educando quanto da realidade vivida por ele. (CARDOSO, 1995). Assim sendo,

Por exemplo, as ciências humanas tratam da vida social e psíquica do ser humano, em termos de acontecimentos, problemas, desafios, hábitos, normas, etc. enfrentados e construídos pela humanidade ao longo do tempo e em dados espaços. Mas essa unidade que caracteriza a área pode se desdobrar em recortes e abordagens mais específicos, dos quais identificamos, por exemplo, a história, a geografia, a sociologia, a psicologia, a filosofia, dentre outros possíveis. O desenvolvimento desses campos – a cisão da unidade que é a realidade humana material e social em objetos específicos, criando as respectivas áreas e disciplinas científicas e, por homologia, as escolares –, conduziu a ciência e, atualmente, a própria escola, à problemática da organização, da estrutura e da integração dinâmica entre essas dimensões da vida real e, conseqüentemente, à constatação de que o estudo das partes e dos processos isolados não é suficiente (BRASIL, 2013, p. 13-14).

Convém lembrar que essa busca por uma nova organização do currículo escolar é indispensável para uma ressignificação (ou reinvenção) do processo ensino e aprendizagem, de modo a sugerir uma nova roupagem à formação do estudante. Desta forma,

[...] sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico-tecnológica e na sua apropriação histórico-social. Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política (CIAVATTA, 2005, p. 85).

É necessário afirmar que se deve trabalhar sob a perspectiva holística porquanto esta diz respeito a formação integral do estudante, desenvolvido em todas as suas potencialidades, por meio de um processo ensino e aprendizagem que considere a formação científica, tecnológica, humanística e política com vistas a autonomia dos indivíduos (BRASIL, 2013).

Com efeito, a atuação do professor é de grande valia para engendrar essa formação humana e integral com ênfase nas transformações sociais, políticas e culturais conjeturando uma sociedade igualitária, posto que os estudantes possam ser preparados para atuarem como efetivos atores sociais propondo melhorias coletivas e, portanto, em prol, de toda a sociedade (PEREIRA *et al*, 2021).

Nessa linha de pensamento, o papel docente é primordial para esta nova orientação dada por meio dessa nova configuração do ensino. A posição assumida pelo professor é de nortear o fazer educativo a fim de que o educando tenha uma compreensão globalizante, ou seja, a

compreensão do aspecto econômico, político, social, cultural, religioso, ideológico. Desta forma,

[...] na escola unitária, a última fase deve ser concebida e organizada como a fase decisiva, na qual se tende a criar os valores fundamentais do “humanismo”, a autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessárias a uma posterior especialização, seja ela de caráter científico (estudos universitários), seja de caráter imediatamente prático-produtivo (indústria, burocracia, comércio, etc.). O estudo e o aprendizado de métodos criativos na ciência e na vida devem começar nesta última fase da escola, não devendo mais ser o monopólio da universidade ou ser deixado ao acaso da vida prática: esta fase escolar já deve contribuir para desenvolver o elemento da responsabilidade autônoma nos indivíduos, deve ser uma escola criadora. [...] O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre o trabalho intelectual e o trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social (GRAMSCI, 2004, p. 38-39).

Vale lembrar que o sistema capitalista de produção tem por acepção a lógica imediata da lucratividade. Assim sendo, os trabalhadores devem estar devidamente preparados para manter essa lógica do capital que sofre modificações a exemplo da substituição do trabalho braçal pelo trabalho mental ou passagem da sociedade do trabalho para a sociedade do conhecimento ou ainda a substituição do proletariado pelo cognitariado, ou seja um trabalhador focado em processamento de informações (FLEURI, 1997).

E para que essa lógica seja quebrada é essencial que haja a proposição de um ensino médio que proponha uma composição com base em 4 eixos: o de trabalho, o de cultura, o de tecnologia e o de cultura, além de possibilitar novas dimensões por meio do ensino, sobretudo na escola pública (BRASIL, 2013). Sendo assim,

As escolas públicas, em sua maioria, são pouco atraentes, não estimulam a imaginação criadora e oferecem pouco espaço para novas experiências, sociabilidades, solidariedades, debates públicos, atividades culturais e informativas ou passeios que ampliem os territórios de conhecimento (CARRANO, 2010, p. 145).

Com efeito, para que haja um ensino médio de qualidade total com formação humana integral com sentido ontológico, ou seja, tese primeira da relação sociedade e natureza que possibilita a vida humana em seu sentido histórico deve-se priorizar as 4 dimensões, posto que,

A integração entre as dimensões do trabalho, ciência, tecnologia e cultura na perspectiva do trabalho como princípio educativo tem por fim propiciar a **compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos dos processos sociais e produtivos, devendo orientar a definição de toda a proposição curricular, constituindo-se no fundamento da seleção dos conhecimentos, disciplinas, metodologias, estratégias, tempos, espaços, arranjos curriculares alternativos e formas de avaliação** (BRASIL, 2011, p. 20. Grifo do autor)

Isso significa dizer que essas quatro dimensões devem ter por objetivo fazer o ensino médio desvencilhar-se de sua forma fragmentada e hierarquizante, a qual prioriza determinadas ciências e/ou conhecimentos convertidos em disciplinas escolares, possibilitando qualidade ao ensino médio com a pesquisa a exemplo do que ocorre no ensino superior. De tal modo,

É necessário potencializar o fortalecimento da relação entre o ensino e a pesquisa, na perspectiva de contribuir com a edificação da autonomia intelectual dos sujeitos frente à (re)construção do conhecimento e de outras práticas sociais. Isto, significa contribuir, entre outros aspectos, para o desenvolvimento das capacidades de, ao longo da vida, interpretar, analisar, criticar, refletir, rejeitar ideias fechadas, aprender, buscar soluções e propor alternativas, potencializadas pela investigação e pela responsabilidade ética assumida diante das questões políticas, sociais, culturais e econômicas (SILVA, 2012, p. 76).

Diante do exposto, levando em conta que nossa sociedade é notadamente marcada por práxis excludentes e por uma educação com vieses hegemônicos para a dominação e o controle das massas. É necessário admitir que o sistema educacional prepara alguns para situação de comando da sociedade e outros para corresponder ao comando (FLEURI, 1997).

4.2 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA-ESPACIAL E CULTURAL NAS TURMAS DE ENSINO MÉDIO

Entende-se que um fazer pedagógico significativo produza determinada reflexão sobre o mundo do trabalho, dos complexos culturais, das relações políticas, econômicas e sociais e, em síntese, de fenômenos produzidos na realidade socioespacial.

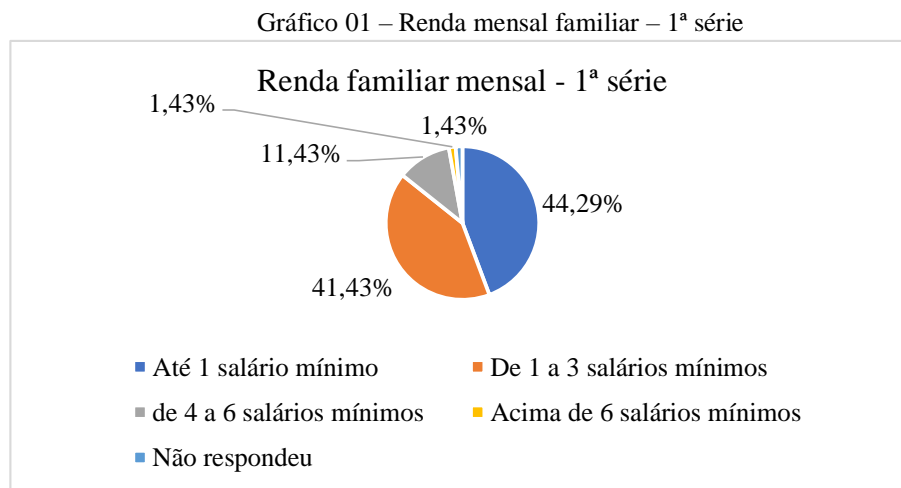
Para tal, é necessário considerar e reconhecer a história de cada estudante, porquanto cada um possui uma realidade singular, bem como uma identidade cultural atrelado a um contexto social e territorial, e em geral, marcado por extremas diferenças que acabam resultando em desigualdades sociais a determinados grupos (membros de comunidades populares, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, mulheres, idosos, afrodescendentes, dentre outros).

Assim sendo, uma análise sobre os jovens que estudam na referida escola enquadrá-os em determinados critérios a fim de caracterizar o perfil do público pesquisado na referida instituição escolar. Sendo assim, estão matriculados na escola 640 estudantes divididos em 276 estudantes na 1ª série do Novo Ensino Médio e 364 estudantes na 3ª série do Ensino Médio Regular (Informações concedidas pela secretaria da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes) dos quais 70 de cada série responderam ao questionário aplicado.

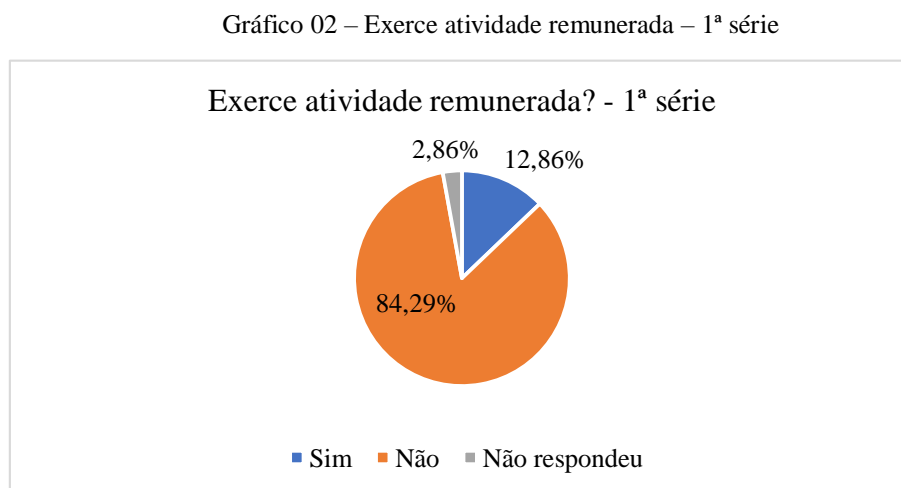
Na 1ª série, 54,29% são do sexo feminino e 45,71% do sexo masculino; já na 3ª série 54,29% são do sexo masculino e 45,71% do sexo feminino, o que representa um certo equilíbrio

de forças, com uma pequena diferença do maior número de mulheres na 1ª série e de homens na 3ª série. No tocante à cor de pele, na 1ª série 65,71 se autodeclararam pardos, 25,71% brancos e 8,57% pretos; já na 3ª série 67,14 se autodeclararam pardos, 20% brancos e 12,86% pretos (APÊNDICE A).

Em relação a caracterização socioeconômica foram estabelecidos 4 critérios a fim de caracterizar a situação socioeconômica: renda mensal familiar, atividade remunerada exercida, e, se, exercida, qual o salário e, por último, se recebe o Auxílio Brasil conforme exposto:



Fonte: Autoria própria, 2023

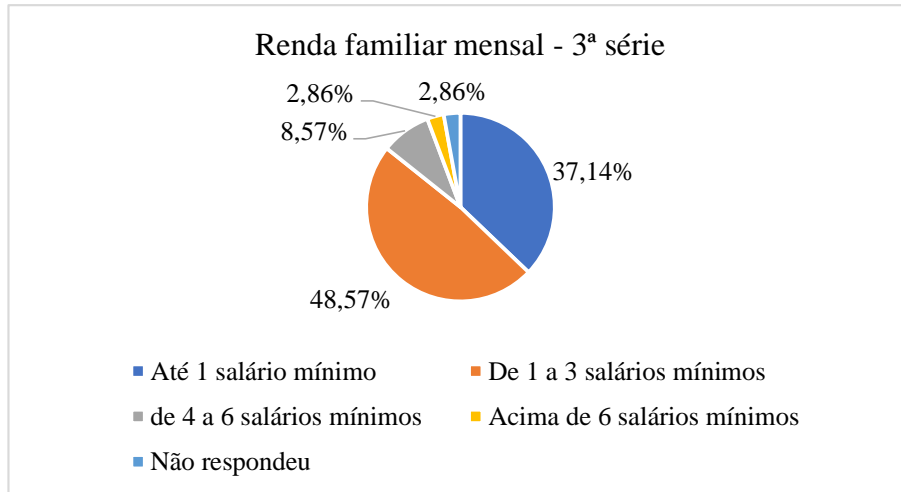


Fonte: Autoria própria, 2023

De acordo com o Gráfico 01, no que tange a renda familiar mensal 44,29% afirmam ganhar até 1 salário mínimo, 41,43% asseguram receber de 1 a 3 salários mínimos. Ressalte-se que 84,29% não exercem atividade remunerada em detrimento de 12,86% que exercem e, destes, 89% recebem até 1 salário mínimo (APÊNDICE A).

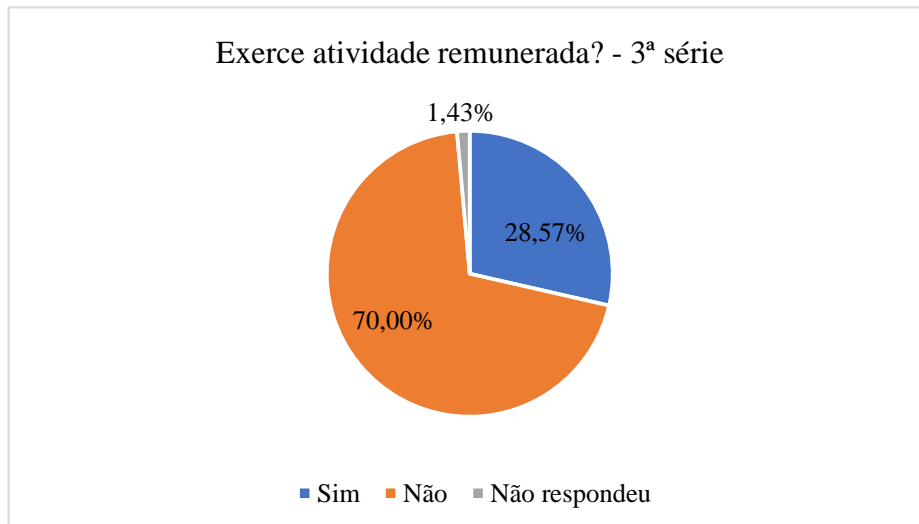
Em comparação com os dados extraídos da pesquisa no que se refere a 3ª série tem-se:

Gráfico 03 – Renda familiar mensal – 3ª série.



Fonte: Autoria própria, 2023

Gráfico 04 – Exerce atividade remunerada – 3ª série



Fonte: Autoria própria, 2023

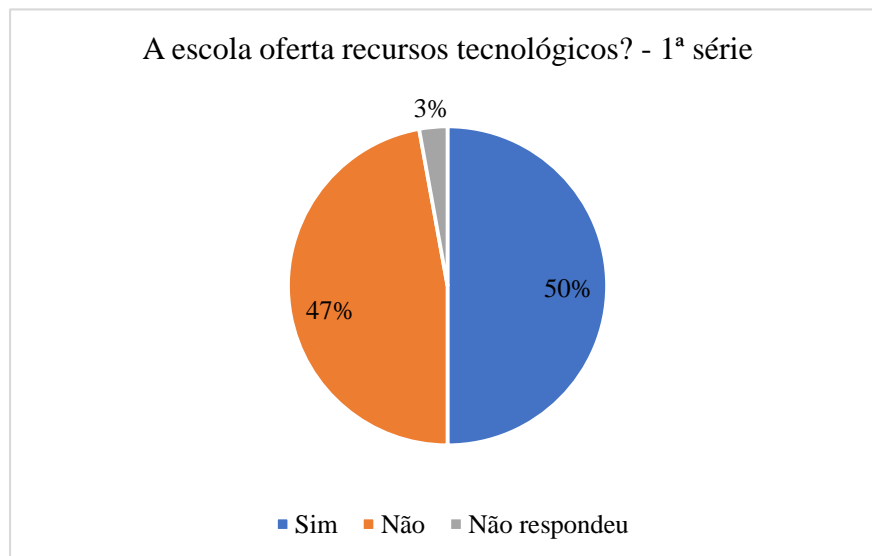
Em relação a 3ª série, no que se refere a renda familiar mensal 48,57% dizem receber de 1 a 3 salários mínimos, seguido de 37,14% de estudantes que afirmam ter renda mensal de até 1 salário mínimo. Ressalte-se que 70% dos estudados dizem que não exercem atividade remunerada e aqueles que exercem recebem, em sua quase totalidade até 1 salário mínimo (APÊNDICE A).

É importante salientar que a Escola Estadual Professor José Barroso Tostes é considerada uma escola de centro e é uma referência no município de Santana e até mesmo no estado do Amapá, o que atrai um público egresso do ensino fundamental – séries finais das escolas particulares para a mencionada instituição (Informação concedida pela gestão escolar).

A escola pública, ao que parece, não cumpre uma de suas funções sociais: a do direito a equidade, pois acolhem os economicamente carentes, mas não atribuem qualidade ao currículo na maioria dessas instituições escolares, o que possibilita analfabetismo funcional, abandonos, repetências e até violência (SOUZA, 2023). Ressalte-se que na perspectiva neoliberal tudo será privatizado inclusive o sucesso ou o fracasso do estudante, pois ele é o próprio responsável ou até culpado pela situação na qual vive.

Convém lembrar que a juventude contemporânea representa para a escola analisada um grande desafio: suas inquietações, anseios e necessidades precisam estar consideradas no fazer pedagógico cotidiano da instituição, inclusive sobre o uso das mídias digitais, sobretudo no contexto pandêmico, no que se refere a oferta de recursos tecnológicos pela referida escola, conexão à internet em casa e sobre qual equipamento utiliza para acessar as aulas.

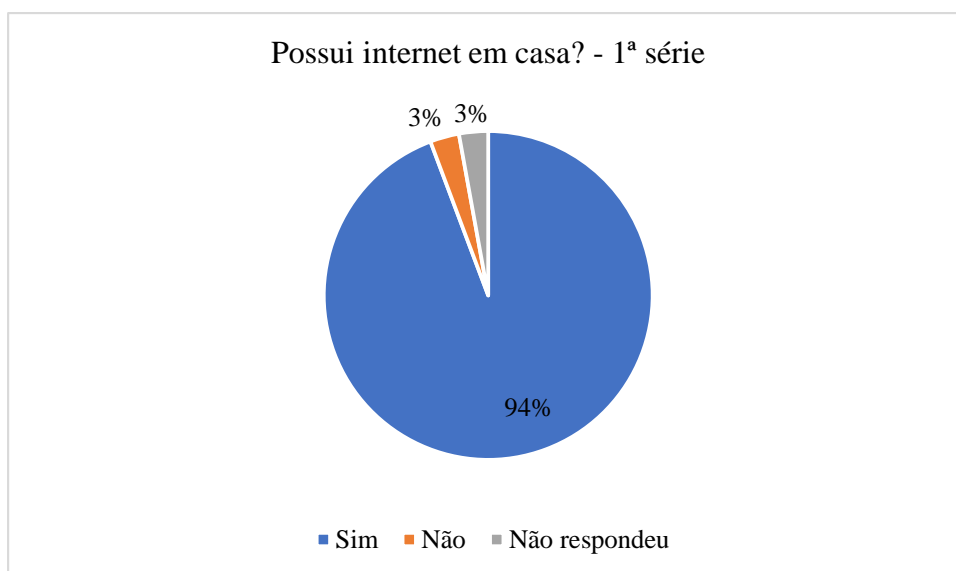
Gráfico 05 – Oferta de recursos tecnológicos – 1ª série



Fonte: Autoria própria, 2023

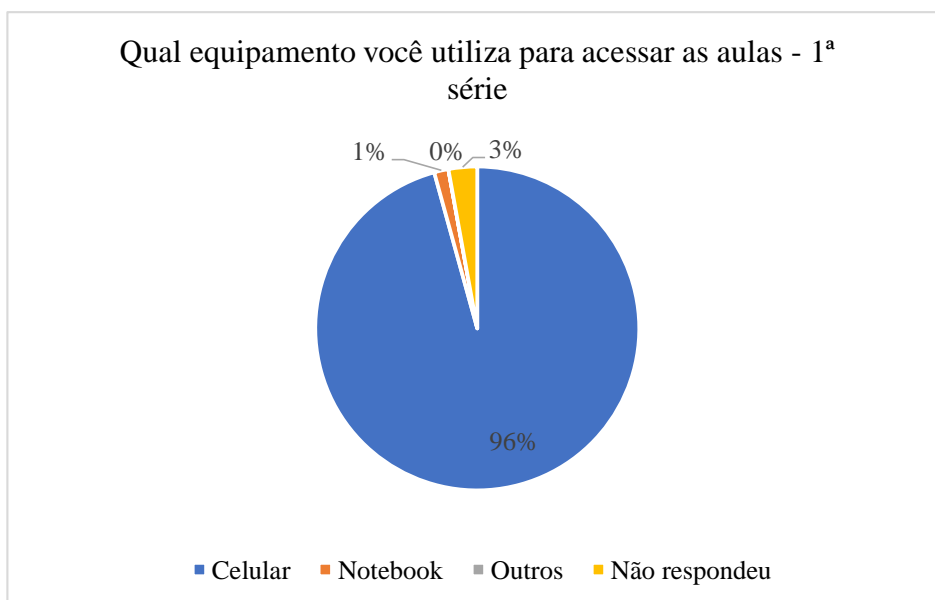
No que se refere aos recursos oferecidos pela escola 50% diz que sim, mas 47% diz que não oferta nenhum recurso tecnológico. Interessante notar que 94% possui internet em casa, bem como o equipamento mais utilizado para acessar as aulas é o celular com 96% como mostram os gráficos 06 e 07 expostos a seguir:

Gráfico 06 – Conexão à internet em casa – 1ª série



Fonte: Autoria própria, 2023

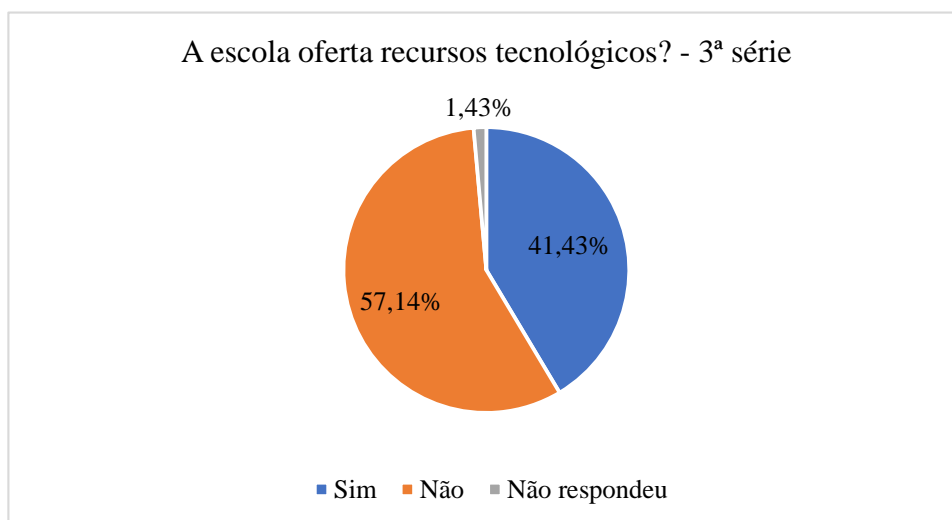
Gráfico 07 – Equipamento para acessar as aulas – 3ª série



Fonte: Autoria própria, 2023

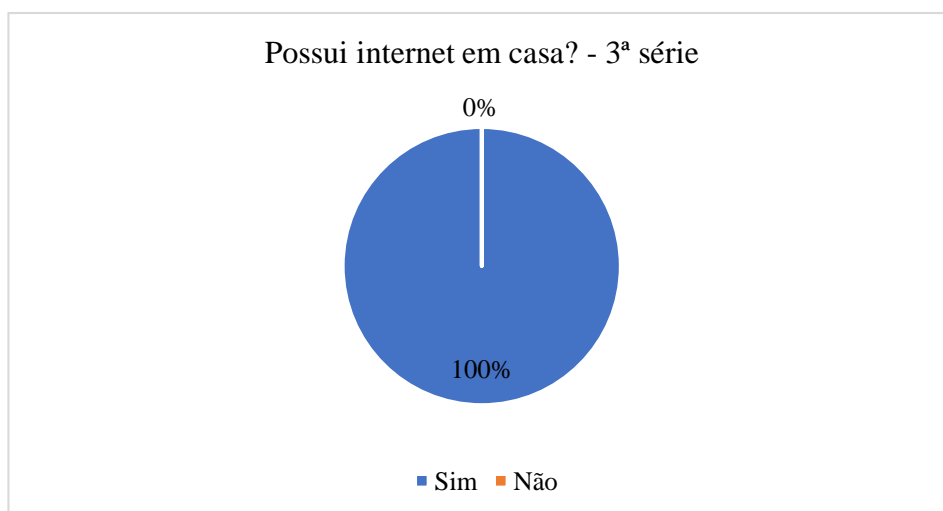
Para que haja um grau de comparação da percepção de estudantes em relação ao uso das mídias digitais foram pesquisados alunos da 1ª série, bem como, da 3ª série, pois aqueles são recém chegados à escola e, estes por sua vez, portanto, já conhecem a escola, haja vista que a grande maioria dos alunos de 3ª série estão na instituição desde a 1ª série (Informações concedida pela secretaria da escola). Assim sendo, tem-se as seguintes informações:

Gráfico 08 – Oferta de recursos tecnológicos – 3ª série



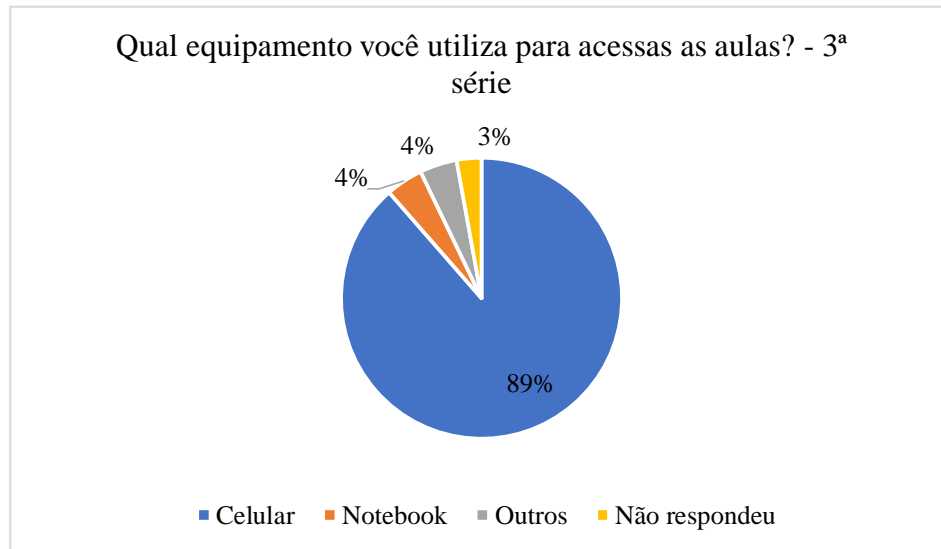
Fonte: Autoria própria, 2023

Gráfico 09 – Conexão à internet em casa – 3ª série



Fonte: Autoria própria, 2023

Gráfico 10 - Equipamento para acessar as aulas – 3ª série



Fonte: Autoria própria, 2023

Todo professor gostaria que todo o estudante realmente aprendesse, o que é ensinado em sala de aula. E hoje, um dos recursos mais significativos para subsidiar esse processo de ensino e aprendizagem é, sem dúvidas, os dispositivos tecnológicos. Embora a realidade de professores de geografia e estudantes de escola públicas estejam um pouco distantes dessa realidade.

Em relação à oferta recursos tecnológicos pela escola Barroso Tostes, pode-se observar que a maioria dos estudantes da Escola Barroso Tostes, tanto da 1ª quanto da 3ª série não sabem da oferta dos recursos tecnológicos, como o Laboratório de Informática Educacional (LIED), o qual dispõe de computadores para pesquisas, trabalhos pedagógicos como mostram os gráficos 05 e 08.

Um dado importante extraído do entrevistado P1 diz que: “a maioria dos professores acredita que o uso de recursos tecnológicos favorece o aprendizado”. Mas na realidade, ao que parece, a maioria dos professores preferem o ensino tradicional, haja vista que a maior parte dos estudantes não sabem sobre o LIED, por exemplo.

Figura 3: Fotografia representativa da utilização de recurso tecnológico.



Fonte: Autoria própria, 2023

Ao retratar sobre os recursos tecnológicos, também foi perguntado aos estudantes se possuem internet em casa e, 94% da 1ª série afirmaram que sim, e 100% da 3ª série também afirmaram o mesmo. Outra pergunta foi sobre qual equipamento mais utiliza para acessar as aulas 96% da 1ª série afirmaram utilizar o celular, assim como 89% da 3ª série também afirmaram fazer uso do referido dispositivo móvel para acessar as aulas como está disposto nos gráficos 06 e 09 sobre a conexão à internet em casa e nos gráficos 07 e 10 sobre equipamentos utilizados para acessar as aulas.

Isso mostra que a geração presente é realmente nativa da tecnologia. Embora existam determinados obstáculos para a integração da tecnologia às práticas de ensino e aprendizagem, que segundo um dos professores de geografia diz ser por causa da “insuficiência de capacitação ou formação específica dos professores para o uso pedagógico das tecnologias”, bem como, da “insuficiência de softwares (programas de computador), plataformas digitais, aplicativos e materiais digitais para uso nas práticas de ensino”.

Como se pode perceber, a Escola Estadual Professor José Barroso Tostes é bem avaliada pelos seus alunos. Dos dados coletados na amostra os estudantes da 1ª série consideraram a qualidade de ensino da referida instituição, no qual extraiu-se os seguintes resultados: 42% bom, 24% ótimo e 19% excelente. Em relação aos estudantes da 3ª tem-se os seguintes resultados: 34,29 bom, 35,71 ótimo e 18,57 excelente.

Isso assinala um padrão de alta qualidade se considerar os obstáculos que a escola possui, como por exemplo, a estrutura física que, atualmente, funciona em um prédio bastante antigo que não contempla acessibilidade universal e apresenta vários problemas: rede elétrica sobrecarregada, salas de aulas inadequadas, sem ventilação (quando há problema em alguma central de ar) e quadra poliesportiva com goteiras (informações concedidas pela gestão escolar).

Quanto à qualidade de ensino, a escola é bem avaliada, tanto que em 2011, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) estava projetado em 4,5 e o Barroso Tostes conseguiu média de 4,8 (INEP, 2011); já em 2019 houve um crescimento expressivo no IDEB chegando a média 4,2 que a escola também conseguiu atingir (INEP, 2019).

No entanto, a pandemia de COVID-19, fez acontecer o fechamento temporário das escolas, o que obrigou a uma nova estratégia, o ensino remoto emergencial, no qual professores e estudantes tiveram que usar as mídias digitais e, por isso, serão apresentadas brevemente algumas propostas que subsidiem uma aprendizagem significativa no ensino da geografia.

4.3 PROPOSTAS ALTERNATIVAS QUE VISEM MELHORIAS NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA ESCOLAR POR MEIO DO USO DE MÍDIAS DIGITAIS

O professor pode preparar o estudante a operacionalizar, por meio de filtros como competência para refletir, questionar e criticar as inúmeras informações que este recebe através dos veículos midiáticos. Para tal fato ocorrer, é imprescindível que o professor utilize e oriente as mídias como ferramenta pedagógica.

Decerto, as mídias fazem-se cada vez mais presentes no processo de ensino e aprendizagem. Com efeito, a “era da informação digital” trouxe mudanças substanciais a vida dos indivíduos, como por exemplo, a agilidade das informações em tempo real da mesma forma que os “transportes aniquilam o espaço por meio do tempo” (HARVEY, 2018, p. 220).

A partir desta percepção sobre velocidade de informações, mercadorias e deslocamento de pessoas, o geógrafo britânico David Harvey traz o conceito de “encolhimento do mundo” a partir do conceito de “compressão do tempo-espaço” (HARVEY, 2008, p. 219), o qual contextualiza as relações de espaço e tempo na acepção do sistema capitalista que traz um ritmo de vida acelerado. Outra mudança substancial é o aparecimento das telecomunicações consolidada por meio das relações midiáticas. Conhecer tais relações é fundamental para o convívio social e é dever da escola instrumentalizar o estudante para lidar com as tecnologias *modus operandi* pelo viés pedagógico.

Isso se faz necessário porque é preciso que o estudante reconstrua o conteúdo ou se torne protagonista de seu próprio aprendizado. Assim sendo, cabe a escola, ou neste caso, mais especificamente, aos professores de geografia subsidiar os estudantes a desenvolverem julgamentos críticos com racionalidade, criatividade e responsabilidade. Ressalte-se que os veículos midiáticos apresentam aos estudantes inúmeras informações que devem ser apropriadas da melhor forma possível e, para isto, é necessário a mediação pedagógica a fim de que as informações sejam filtradas e sistematizadas para a produção do conhecimento.

Como exemplo, podemos mencionar os estudos do denominado cyber geografia e/ou “geografia em rede”, “as quais abordam como os conhecimentos geográficos estão distribuídos e são abordados na internet” (BOTELHO; SANTOS, 2016, p. 06).

O professor de geografia pode preparar os seus estudantes a fazerem pesquisa de sítios ou fontes seguras e confiáveis, fazendo da própria mídia e internet um objeto de pesquisa, e, logicamente, tendo uma visão crítica a fim de que não acreditem de imediato a quaisquer informações/notícias que receberem. Ressalte-se que as mídias digitais são utilizadas pela maior parte dos estudantes.

Mediante a isto, proposta com o intuito de potencializar o ensino da geografia no ensino médio é fornecer recursos tecnológicos como computadores, notebooks, tablets, celulares, internet, em suma das redes digitais, como recursos para promover a passagem do conhecimento ao sujeito (VALENTE, 1998). Sendo assim,

Ao se fazer uma análise nas redes digitais, é possível perceber que o conhecimento geográfico está disponível de forma livre e gratuita para todos que o acessam, em uma infinidade de sites, blogs, comunidades virtuais, redes sociais, aplicativos de localização e laboratórios de realidades virtuais. Os sites educativos são bons exemplos de recursos pedagógicos que disponibilizam atividades com diferentes conteúdos, tais como mapas, músicas, fotos, planos de aula, propostas interdisciplinares que, se apropriados às necessidades do educador e do aluno em questão, contribuirão para que o docente planeje melhor suas atividades, dispondo de uma nova forma de abordar os conteúdos e levando em consideração as experiências prévias destes alunos, como ponto de partida para problematização e mobilização de saberes (BOTELHO; SANTOS, 2016, p. 06).

Note-se que determinadas aulas se tornam enfadonhas, cansativa ou não atrativa em decorrência das metodologias utilizada pelos professores, *modus operandi* ensino tradicional, as quais, a aparentemente, desconectadas das situações familiares dos estudantes (NOBRE; ROCHA, 2018).

Assim, a tecnologia que foi bastante criticada e considerada vilã em sua relação com o viés educacional passa a ser uma ferramenta fundamental para apoio pedagógico e mídias na escola, assunto a ser tratado no que se refere a escola.

Entretanto, cai-se em um dado problema, pois cabe ao estado tornar igualitários o acesso e a permanência na escola, bem como, tornar democrática a inclusão digital, mas o Estado não possui nenhum interesse em conceder tais recursos a fim de que os indivíduos não possuam capital cultural.

Outro problema que foi percebido refere-se as dificuldades encontradas pelas escolas para aplicação das aulas remotas, durante o período da pandemia, pois faltavam dispositivos tecnológicos em tais instituições, visto que esses meios tecnológicos visam, de alguma forma, contribuir para a capacitação e um mundo de possibilidades para os educandos.

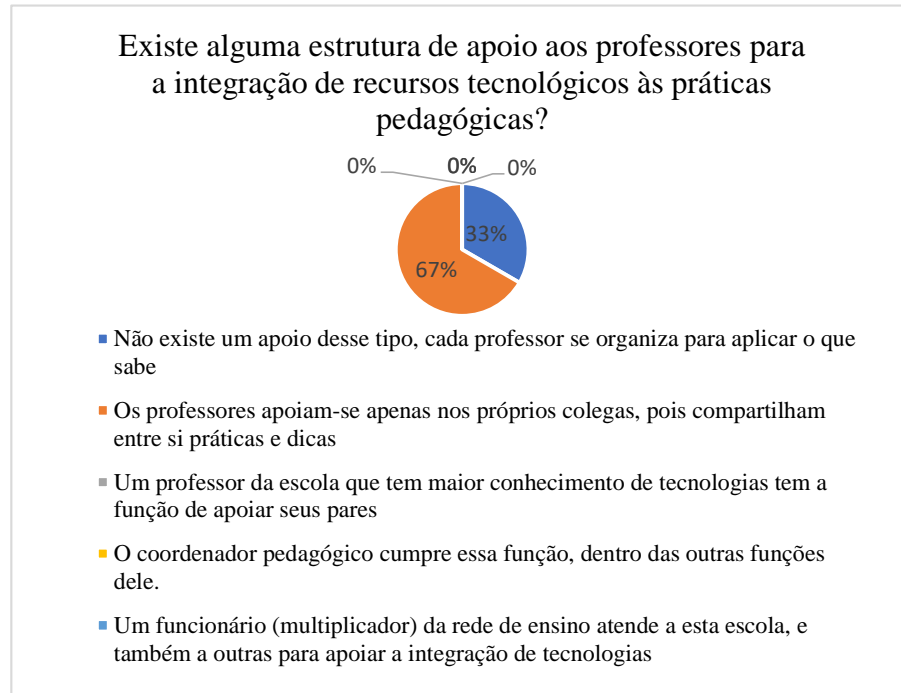
Desse modo, uma oferta de forma adequada desses meios seria importante, como por exemplo, horários na grade curricular que estimulem os alunos desenvolverem projetos e metodologia para a criação de jogos relacionados ao ensino da Geografia. Tudo isso tende a oportunizar ao educando a possibilidade de aperfeiçoar um melhor desenvolvimento cognitivo, estímulo a utilizar seu tempo e, principalmente seu dispositivo de forma correta.

Para saber sobre o uso da tecnologia na prática educativa foi aplicado questionário aos professores de geografia perguntando se no PPP da escola existem direcionamentos para o uso da tecnologia. 100% professores questionados (APÊNDICE B) afirmaram que o PPP menciona brevemente o uso da tecnologia para fins pedagógicos, ou seja, da aplicação da tecnologia na prática pedagógica a fim de potencializar a aprendizagem significativa no processo de ensino e aprendizagem.

Em relação ao pensamento dos professores sobre o uso das tecnologias 100% dos pesquisados responderam que a tecnologia favorece o aprendizado do alunado (APÊNDICE A) o que condiz com o pensamento de Rosales e Magalini (2007), que afirmam que o professor necessita ter em mente que a tecnologia é uma espécie de suporte, um recurso a mais para o processo de ensino e aprendizagem.

No que diz respeito ao profissional para cuidar dos recursos tecnológicos, 100% (APÊNDICE B) afirmam que essa pessoa é identificada como um funcionário com perfil pedagógico, ou mais precisamente um professor com conhecimentos técnicos e por fim, foi perguntado sobre a estrutura de apoio para a integração dos recursos tecnológico, em que 67% afirmam que os professores apoiam-se nos próprios colegas que compartilham entre si suas experiências, conforme exposto no gráfico 11:

Gráfico 11 – Estrutura de apoio aos professores e integração de recursos



Fonte: Autoria própria, 2023

Nesse contexto, faz-se também necessário avaliar que além de estabelecer o uso correto dessa ferramenta urge ainda expor os meios pelos quais esse ensino pode ser melhorado.

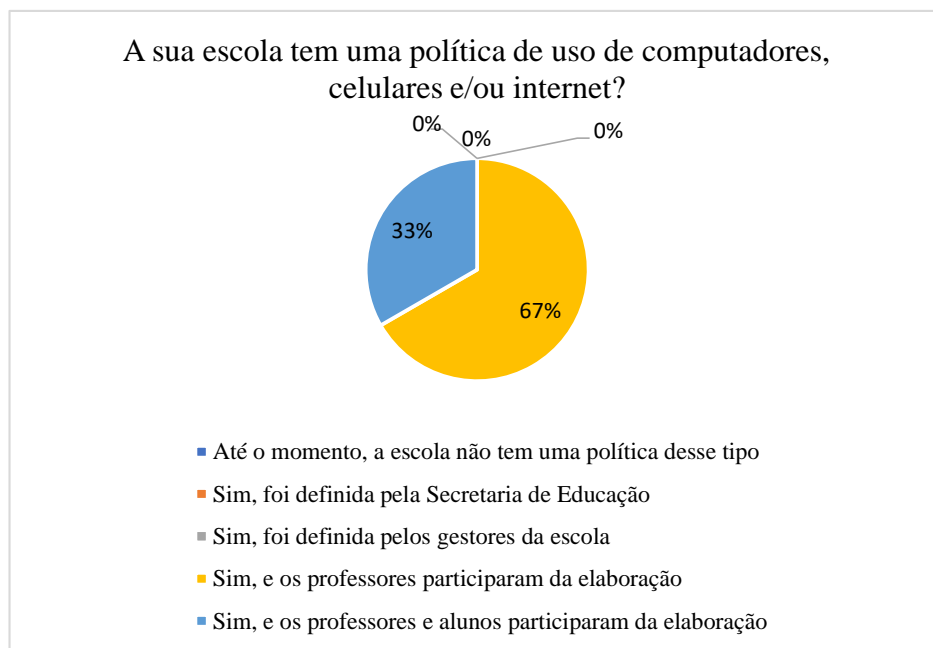
Assim sendo, estudos mostram que em escolas públicas do município de São Borja, no Rio Grande do Sul, uma pesquisa intitulada como o “uso das mídias no ensino da geografia nas escolas públicas no município de São Borja” foi estipulada com o objetivo de examinar como as mídias estão sendo empregues no processo educativo (DORE, 2006), assim como averiguar limitações e capacidades no que diz respeito ao uso das mídias como mecanismo pedagógico, determinar o número de profissionais habilitados para o uso das mídias no ensino da geografia. Dessa forma, há de se conhecer onde está a dificuldade que seja um entrave ao ensino da geografia e saber onde pode-se investir para o melhor desempenho e aplicabilidade do uso das mídias no ensino da geografia.

Outro ponto importante é a apresentação de ações objetivando a certeza de que possibilidades para tornar o ensino da geografia mais acessível deram certo. Como exemplo disso, faz-se oportuno dar ênfase ao estudo de um artigo denominado “O uso de vídeo como recurso didático no ensino de geografia” que verificou a capacidade de o vídeo como um material educativo de grande serventia no ensino da geografia pode ser um meio de bastante importância para o conhecimento, na medida em que seja usado com discernimento, proposta

e autodomínio. Assim sendo, o uso do vídeo no espaço pedagógico mostrou-se que pode promover discussões e construções de saberes próprio ao que propõe o ensino da geografia.

Mediante a isto, é nítido que tais trabalhos podem contribuir na condição de experiências para o enriquecimento do processo de ensino e aprendizagem da geografia no ensino médio e até em outros níveis de ensino. Ressalte-se que existem determinados problemas inerentes a utilização de tecnologias no ambiente escolar que são verdadeiros desafios, como mostra a realidade estudada conforme os gráficos

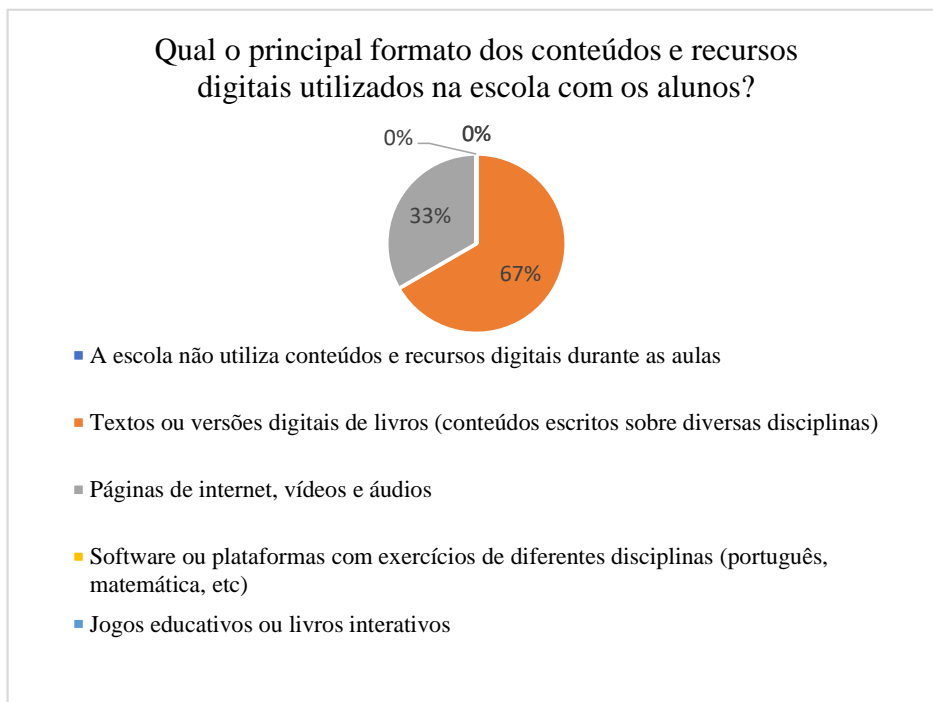
Gráfico 12 – política de uso de computadores na escola



Fonte: Autoria própria, 2023

Conforme o Gráfico 12, quando se perguntou aos pesquisado sobre se existe uma política de uso dos recursos tecnológicos 67% respondeu que “sim” e, inclusive que os professores participam da elaboração. No que se refere ao compartilhamento de práticas pedagógicas por parte dos professores, 100% respondeu que os professores ao testar práticas que envolvem recursos tecnológicos compartilham com outros colegas de modo informal (APENDICE B) Em relação ao principal formato de conteúdo 67% respondeu que se dá por meio de textos ou versões digitais de livro, e, sobre a origem dos conteúdos 67% dos pesquisados afirmam que professores obtém recursos por meio de buscadores como o *Google*, por exemplo.

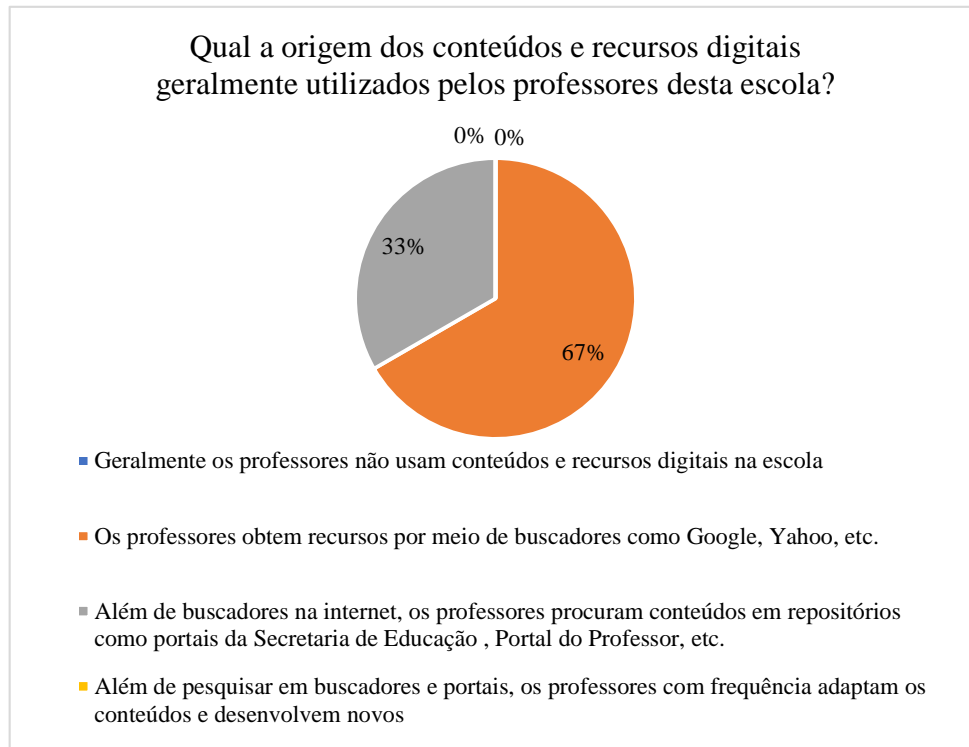
Gráfico 13 – Principal formato de conteúdo e recursos digitais utilizados na escola



Fonte: autoria própria, 2023.

Logicamente, torna-se perceptível que os recursos tecnológicos são apreciados pelos professores da referida escola, uma vez que compartilham entre si novas experiências. Mas faz falta aos professores uma estrutura adequada, como por exemplo, mencionou P1: “gostaria de usar o Lied, mas a sala é pequena e não comporta uma turma inteira, além do que às vezes falha conexão à internet, mesmo assim procuro me atualizar buscando no google algumas informações”. Da mesma forma que o professor P1 citou buscadores, o questionário mostrou que 67% dos professores também utiliza o mesmo recurso como mostra o gráfico 14:

Gráfico 14 – Origem dos conteúdos e recursos digitais utilizados na escola



Fonte: autoria própria, 2023.

Na verdade, nem todas as escolas possuem estrutura adequada para fazer o uso de uma dada tecnologia, quando há essa dada ferramenta, além do que os professores, em sua maioria, não possuem formação inicial ou continuada para lidar com as novas tecnologias ou até mesmo a resistência de alguns professores que insistem no ensino tradicional (ROSA, 2013) Embora tais problemas sejam diversos não se pode estagnar no tempo em decorrência de dados obstáculos, pois a própria geografia ensina que há mudanças no espaço-tempo.

É necessário produzir atores sociais ou agentes de transformação da sociedade ou ainda sujeitos críticos a fim de que possam modificar a realidade educacional cobrando judicialmente do Estado uma educação de qualidade e com recursos apropriados para a extensão do conhecimento (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2023).

Portanto, esse desafio deve ser enfrentado, inicialmente pelo professor que deve (re)pensar sua prática pedagógica e ter a disposição para estar se reinventando, de modo que o estudante possa ser bem orientado a fim de que saiba explorar os conhecimentos geográficos tão acessível no mundo das tecnologias. Assim sendo; realizado os ajustes necessários, é possível que professores e estudantes terão uma melhor aproximação e uma experiência muito mais enriquecedora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa, tornou-se perceptível que os recursos tecnológicos estão cada vez mais presentes no âmbito educacional, e por tal motivo, é necessário que o professor esteja em constante formação, daí a demanda por cursos de formação inicial e continuada a fim de que o profissional da educação atue de forma significativa em seu papel de mediador entre estudante, meio digital e conhecimento.

Com efeito, os recursos tecnológicos estão presentes em praticamente todos os setores de uma dada sociedade, alterando a rotina dos sujeitos, inclusive na instituição escolar. Assim sendo, os recursos tecnológicos como computadores e celulares estão cada vez mais frequente no processo de ensino e aprendizagem.

Mediante a isto, convém lembrar que o uso das mídias digitais, se utilizadas adequadamente pelos professores no fazer pedagógico pode potencializar a aprendizagem significativa, neste caso, defende-se a aprendizagem significativa no ensino da geografia.

Essa nova realidade estabelece uma qualificação digital para os professores e por conseguinte, também os alunos. Ressalte-se que o professor sofreu modificações substanciais em sua função de transmissor de conhecimento, que agora passa a ser exercido pelos meios tecnológicos com bastante eficácia.

Entretanto o professor não ficou deslocado, a ele cabe uma nova competência: motivar a aprendizagem, abraçar os avanços tecnológicos, de modo a utilizá-lo em prol de seus alunos, bem como em benefício próprio também.

Em relação aos profissionais de geografia da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes constatou-se que estão sempre dispostos a fazer uso dos recursos tecnológicos, mas às vezes, existem algumas inviabilidades como, por exemplo, em relação à estrutura física: caso do Laboratório de Informática Educativa (LIED) da escola que possui espaço pequeno para ser trabalhado com uma turma inteira, ou pela limitação de recursos tecnológicos presente na escola ou ainda a falha de conexão à internet, que infelizmente é uma triste realidade em todo o estado do Amapá.

No entanto, após analisar a utilização das mídias digitais no ensino, é possível concluir que essas ferramentas têm um impacto significativo no processo de ensino e aprendizagem da disciplina. Elas proporcionam acesso a recursos interativos, imagens, vídeos e simuladores, tornando o aprendizado mais dinâmico e envolvente.

Durante a pandemia, a utilização das mídias digitais se mostrou ainda mais importante, pois permitiu a continuidade das aulas de Geografia mesmo à distância. Essas ferramentas possibilitaram a interação entre professores e alunos, a disponibilização de materiais e atividades online, contribuindo para a manutenção da qualidade do ensino.

O uso de mídias digitais no ensino de Geografia na Escola Professor José Barroso Tostes demonstrou a capacidade de potencializar o aprendizado dos alunos. Através dessas ferramentas, os estudantes puderam explorar mapas interativos, realizar pesquisas online, assistir a vídeos educativos e participar de atividades práticas, o que favoreceu uma compreensão mais profunda dos conteúdos geográficos.

A utilização das mídias digitais proporcionou aos alunos a oportunidade de desenvolver habilidades digitais essenciais, preparando-os para os desafios do mundo contemporâneo. Eles puderam aprimorar sua capacidade de pesquisa, interpretação de dados geográficos, trabalho em equipe virtual e utilização de aplicativos e softwares específicos da área.

Para otimizar o uso das mídias digitais no ensino de Geografia, é fundamental que os professores estejam preparados e atualizados. A escola deve investir em programas de formação continuada, oferecendo cursos e capacitações que desenvolvam as competências necessárias para o uso efetivo dessas ferramentas em sala de aula.

Os objetivos foram respondidos diante da contextualização na utilização das mídias digitais no ensino e aprendizagem da geografia no ensino médio da Escola Estadual Professor José Barroso Tostes no município de Santana-AP

Diante do exposto faz necessário afirmar que um professor, sobretudo o de geografia precisa manter uma postura crítico-reflexiva, na qual ele dará condições da aprendizagem significativa potencializada pelo uso de mídias digitais.

Portanto, pode-se afirmar que os professores estão dispostos a utilizar as mídias digitais, mas existem determinados entraves como a estrutura física inadequada, falha de conexão à internet ou até a limitação dos equipamentos tecnológicos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ítalo D'artagnan. **Novas Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação no Ensino de Geografia: Um olhar sobre o ensino público de Recife.** Orientador: Prof. Dr. Nilo Américo Rodrigues de Lima Almeida. 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- BATISTA, Natália Lampert; DAVID, Cesar de; FELTRIN, Tascieli. **Formação de professores de geografia no Brasil: considerações sobre a política de formação docente e currículo escolar.** Revista geografia, ensino e pesquisa. Santa Maria, v. 23, 13, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/41062>. Acesso em: 25 fev.2023
- BAZZO, W. A. **Ciência, tecnologia e sociedade: e o contexto da educação tecnológica** 3 ed. Florianópolis. Editora da UFSC, 1998.
- BEZERRA, Maria do Socorro. **O uso das tecnologias digitais como recurso no ensino da geografia.** Monografia. Universidade Estadual da Paraíba. Paraíba, 2014.
- BOTELHO, Lucas Antonio Viana; SANTOS, Mateus Ferreira. As redes digitais como contribuição para aprendizagem geográfica: Mediação, Mobilização e interatividade. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 4-16, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/> Acesso em: 20 fev.2023
- BOUDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação.** Tradução de Magali de Castro. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BRASIL Ministério da Educação. Resolução n.º 3, de 21 de novembro de 2018. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018b. Disponível: <http://novoensinomedio.mec.gov.br/resources/downloads/pdf/dcnem.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2023
- BRASIL. **Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 05 mar.2023
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº: 5/2011.** Brasília: 4 mai. 2011. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8016-pceb005-11&Itemid=30192. Acesso em: 08 mar.2023
- BRASIL. Ministério da Educação. **O currículo do Ensino Médio, seus sujeitos e o desafio da formação humana integral.** Pacto Ensino Médio -Etapa – Caderno Setor de Educação da UFPR – 2013

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 2006.
- CALADO, Flaviana Moreira. **O Ensino de Geografia e o uso dos Recursos Didáticos e Tecnológicos**. Geosaberes, Fortaleza, v. 3, n. 5, p.12-20, jan. / jun. 2012.
- CALLAI, Helena Copetti. A geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? In: **Revista Terra Livre**, n. 16. (p. 133-152). São Paulo, 2001.
- CANDAU, V. M. **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CARDOSO, Clodoaldo. **A canção da inteireza: uma visão holística da educação**. São Paulo, Summus, 1995.
- CARRANO, P. O ensino médio na transição da juventude para a vida adulta. In. FERREIRA, C. **a juventude e a iniciação científica**. Políticas públicas para o ensino médio. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010.
- CARVALHO *et al.* O professor e o ensino remoto: tecnologias e metodologias ativas na sala de aula. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 28, 27 de julho de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/28/o-professor-e-o-ensino-remoto-tecnologias-e-metodologias-ativas-na-sala-de-aula>. Acesso em: 15 mar.2023
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **O ensino da geografia e a formação docente**. In. CARVALHO, Anna Maria P. Formação continuada de professores: uma leitura da área de conteúdo. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003. p. 103-121.
- CASTROGIOVANNI, A. (org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CASTROGIOVANNI, A. **“Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade”**. IN: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. Geografia. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência a prática de ensino. IN. ROSA, Dalva E. Gonçalves. **Formação de professores: Concepções e práticas em Geografia**. Goiânia-Goiás: Editora Vieira, 2006.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Currículo em movimento. In: I Seminário Nacional, 1., 2010, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte: Perspectivas Atuais, 2010.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensinar geografia para a autonomia do pensamento: o desafio de superar dualismos pelo pensamento teórico crítico. **Revista da ANPEGE**, Goiás, v. 7, n. 1, número especial, p. 193-203, out. 2011.
- CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In. RAMOS, M.; FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

COPATTI, Carina. Desafios da formação de professores para atendimento a diversidade. In. Jornada de Pesquisa, XXI; 2016. **Relato de experiência**, Rio Grande do Sul: Unijuí, 2016.
COSTA et al. **indústria cultural: revisando Adorno e Horkheimer**. **Movendo Ideias**, Belém, v8, n.13, p.13-22, jun 2003.

COUTINHO, Joseane Scheila. **Alternativas metodológicas para o ensino da geografia nos anos finais do ensino fundamental**. In os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Paraná: Cadernos PDE, 2014.

DORE, Rosemary. Gramsci e o debate sobre a escola pública no Brasil. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 329-352, set./dez. 2006.

DURÃES, Bruno; BRIDI, Maria Aparecida da Cruz; DUTRA, Renata Queiroz. O teletrabalho na pandemia de COVID-19: uma nova armadilha do capital? **Revista Sociedade e Estado** – v. 36, nº 3, Setembro/Dezembro 2021.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educar para quê?** São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a práticas educativas**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadete A. Formação de professores no Brasil: Características e problemas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.- dez. 2010.

GAZZOLA, Janaina Souza. ARBOIT, Anilce Angela; PACHECO, Luci Mary Duso. **Relação professor x aluno: Uma possível ressignificação através da metodologia docente**. Universidade regional Integrada Frederico Westphalen. Rio Grande do SUL, 2014.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. 3. ed. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

HAGAT, Cristiane de Lurdes Xavier. Aprendizagem significativa em geografia: lendo a paisagem para compreender o mundo. In. ANPED SUL, X; 2014. Artigo Científico. Universidade estadual do Oeste do Paraná, 2014.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução de Adail Sobral e Maria Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2008.

KENSKI, Vani M. Processos de interação e comunicação no ensino mediados pelas tecnologias. In: ROSA, Dalva E.G e SOUZA, Vanilton C. **Didática e prática de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.254-264.

- LIBÂNEO, J. C. **O processo de ensino na escola**. São Paulo: Cortez, 1994. P. 77-118.
- LIRA, Elizeu Ribeiro. Geografia, o território capitalista e o território indígena. **Revista Produção Acadêmica** - Núcleo de Estudos Urbanos Regionais e Agrários/ NURBA –vol. 4, n.2, 2018.
- LOUREIRO, Carine Bueira; VEIGA-NETO, Alfredo. **Proposições** | Campinas, SP | v. 33, 2022.
- MONTEIRO, Jéssica de Sousa; SILVA, Diego Pereira da. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 19, nº 3, p. 19-28, set./dez. 2015.
- MOREIRA, Igor. **O espaço geográfico**. Geografia geral e do Brasil. São Paulo Ática, 1998.
- MÜLLER, Elenir Soares Schmeling et al. O Uso da Gamificação no Ensino de Geografia. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 2, n. 14, 23 nov. 2022.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- NOBRE, Augusto Feynman Dias; ROCHA, Maria Ariane Cardoso. **Desinteresse em sala de aula: reflexões sobre causas e dificuldades**. In. Encontro Nacional das Licenciaturas, VII; 2018. Artigo Científico. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2018.
- OLIVEIRA *et al.* O papel e importância da ciência geográfica enquanto ferramenta da emancipação social: O contexto escolar. *Cadernos da Pedagogia*, v. 13, n. 26, p. 171-183, Out/Dez 2019.
- OLIVEIRA, Portela de Oliveira; ARAÚJO, Gilda Cardoso. Qualidade do ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação. Reunião Anual da ANPED, XXVI; 2003. Poços de Caldas/MG, 2023
- PASSINI, Elsa Yasuko. Gráficos: Fazer e entender. In: PONTUSCHKA, Nídia N; OLIVEIRA, Ariovaldo (Org.). **Geografia em perspectivas: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2009.
- PEIXOTO, Aline Maria Dias; CRUZ, Edlane. VÉRTICES. **O desafio do trabalho com gráficos no processo ensino-aprendizagem de geografia**. Campos dos Goytacazes/RJ, v. 13, n. 3, p. 127-168, jan./abr. 2011.
- PEREIRA et al. Uso de metodologias ativas para uma aprendizagem significativa no ensino de geografia. **Pesquisar**, Florianópolis, v. 8, n. 16, p. 37-52, nov. 2021.
- PEREIRA, Clarice Simão. **O processo de ensino e aprendizagem na educação escolar: as concepções de professores**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mato Grosso do Sul, 2014. 171f.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

- PINTO, Miriam de Magdala. **Tecnologia e inovação**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2016.
- PONTES, Ariane de Almeida; SILVA, Jeyne Jennifer Gomes da; SANTOS, Cirlene Jeane Santos e. **Ensino de geografia e a diversidade dos sujeitos análise**. 2013.
- PONTES, Tiago Magalhães; RODRIGUES, Marciana Aguiar. Os desafios e as dificuldades encontradas na disciplina de Geografia na E. M. Antônio José de Lima, em morro de Chapéu/PI. *Revista educação pública*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/37/os-desafios-e-as-dificuldades-encontradas-na-disciplina-de-geografia-na-e-m-antonio-jose-de-lima-em-morro-do-chapeupi>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- PONTUSCHKA, Nídia N. **Geografia, representações sociais e escola pública**. Terra Livre. In. PONTUSCHKA, Nídia N.; PAGANELLI, Tomoko I.; CACETE, Núria H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.
- REIS, Sabrina Guimarães. A geografia escolar tem tudo para ser e não é. Por quê? Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Rio Grande do Sul, 2015. 149f. *Revista Geografares. Globalização: as Marcas da Homogeneização do Mundo no Universo Regional*. n°13, dezembro. p.160-191.
- ROSA, Rosemar. Trabalho docente: Dificuldade apontada pelos professores no uso das tecnologias. **Revista Encontro de Pesquisa em Educação**. Uberaba, v. 1, n.1, p. 214-227, 2013
- SANTOS, Camila Santos Dos. ALMEIDA, Maria Antonieta Pereira Tigre. Formação Continuada de Professores no Uso de Tecnologias Digitais. **Id on Line Rev. Psic**. v.15, N. 57, p. 599-615, outubro/2021.
- SANTOS, Juanice Pereira; SOUSA, Maria Solange Melo de. A formação inicial e continuada de professores de geografia a partir da reflexão docente. **Revista de Geografia (Recife)**. v. 3, n. 2, 2020. São Paulo, n. 15, p. 145-154, 2000.
- SANTOS, R. S.; MOURA, J. D. P. As Metodologias Ativas No Ensino De Geografia: um olhar para a produção científica e a prática docente. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, MG, v. 22, n. 82, p. 70–88, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/55765>. Acesso em: 20 abr.2023.
- SILVA, Antonio Gregório. **Ensino da geografia na era digital: uma experiência em sala de aula**. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Gomes Germano. 2014. 108 f. Dissertação (mestrado). Mestrado Profissional em Formação de professores, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.
- SILVA, Denise Mota Pereira da. Saberes pedagógicos do professor de geografia: elementos para o desenvolvimento do raciocínio geográfico. **Revista eletrônica da graduação/pós-graduação em educação ufg/rej. goiás**. v. 14, n. 2, p. 1-13, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/rir/article/view/51761>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SILVA, Diogo Jordão. O estudo do Meio no Ensino da geografia. **Revista educação pública**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/1/o-estudo-do-meio-no-ensino-de-geografia>. Acesso em: 25 abr. 2023

SILVA, Maria Aparecida da. **Inclusão digital nas escolas públicas**: o uso pedagógico dos computadores e o PROINFO Natal/Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2018.

SILVA, Maria de Lourdes Cruz da; TORRES, Eloiza Cristiane. **As contribuições do ensino de geografia na construção da cidadania**. In. os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Paraná: Cadernos PDE, 2013.

SILVA, Monica Ribeiro. **Jovens, ensino médio e politecnia**: possibilidades diante das novas diretrizes curriculares nacionais. VI Fórum NEPEG de Formação de Professores de Geografia, Universidade Federal de Goiás, abril de 2012.

SILVA, V.P. A formação do professor de Geografia na era da informação **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p 167-198, jan./jun. 2007.

SOBRINHO H. Carvalho. Geografia Escolar e o lugar: a construção de conhecimentos no processo ensinar/aprender geografia. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 9, n. 17, p. 1-17, jan./abr. 2018.

SOBRINHO, H Carvalho. **Educação Geográfica e Formação Cidadã**: o Projeto Nós Propomos! no Distrito Federal/Brasil. 2021. 213 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SOUZA, Caroline Battistello Cavalheiro de; LENZI, Bruno. Estudante e aprendizagem: relações mutuamente construídas. **Nova Perspectiva Sistêmica**, nº 62, p. 71-87, 2018.

SOUZA, Rakel Brandão de. **O analfabetismo funcional e as desigualdades sociais no Brasil**. Monografia. Universidade Federal de Goiás. Goiás, 2023. 145f.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TONET, Elaine Regina Costa; MELO, Aécio Rodrigues de. **A globalização e a influência da mídia na sociedade**. In os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Paraná: Cadernos PDE, 2014.

UNESCO– Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Relatório de monitoramento global da educação – 2020: Inclusão e educação– todos, sem exceção. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373721>. Acesso em: 27 abr. 2023

VALENTE, J. A. (Org.). **Computadores e conhecimento**: repensando a educação. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1998. p. 149

VIDAL et al. Ansiedade: uma realidade escolar. In. Congresso Nacional de Educação, VI; 2019. Artigo Científico. Universidade Federal da Paraíba, 2019.

WAYNE, Michel; CABRAL, Vinicius Neves de. Capitalismo, classe e meritocracia: um estudo transnacional entre o Reino Unido e o Brasil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, nº 3, 2021.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?** Educ. Soc., Campinas, vol. 28. N. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 17 abr. 2023.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TÍTULO DA PESQUISA: O USO DE MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO DA GEOGRAFIA
NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ BARROSO TOSTES
PESQUISADOR: ERALDO DA SILVA LEITE

QUESTIONÁRIO ESTUDANTE

Nome:

1. série?

- a) 1^a
- b) 2^a
- c) 3^a

2. Idade:

- a) 15
- b) 16
- c) 17
- d) 18
- e) Acima de 18

3. Sexo?

- a) Masculino
- b) Feminino

4. Cor de pele

- a) Branca
- b) Preta
- c) Parda
- d) Índia

5. Renda mensal familiar

- a) Até 1 salário mínimo
- b) De 1 a 3 salários mínimos
- c) De 4 a 6 salários mínimos
- d) Acima de 6 salários mínimos

6. Exerce atividade remunerada?

- a) Sim

b) Não

7. (se exerce atividade remunerada). Qual seu salário?

- a) Até 1 salário mínimo
- b) De 1 a 3 salários mínimos
- c) De 4 a 6 salários mínimos
- d) Acima de 6 salários mínimos

8. Domicílio?

- a) Próprio
- b) Alugado
- c) Cedido
- d) Agregado

9. Casa?

- a) Alvenaria
- b) Madeira
- c) Misto

10. Território

- a) Aterrado
- b) Terra firme
- c) Alagado
- d) Pavimentado

11. Recebe Bolsa Família

- a) Sim
- b) Não

12. Área onde mora?

- a) Central
- b) Periférica
- c) Ressaca

13. Fez algum curso?

- a) Sim
- b) Não

14. Como você avalia a qualidade de ensino da escola?

- a) Péssimo
- b) Regular
- c) Bom
- d) Ótimo
- e) Excelente

15. A escola oferta recursos tecnológicos?

- a) Sim
- b) Não

16. Se sim, quais?

17. Qual o recurso tecnológico mais utilizado pelo professor em sala de aula?

18. Possui internet em casa?

- a) Sim
- b) Não

19. Qual o recurso tecnológico e/ou mídia digital você gostaria de utilizar em sala de aula?

20. Qual foi o meio tecnológico e a mídia digital mais utilizada em aula durante a pandemia de COVID-19?

21. Qual equipamento você mais utiliza para acessar as aulas?

- a) Celular
- b) Notebook
- c) Outro: _____

22. Qual sua avaliação sobre o ensino remoto?

- a) Péssimo
- b) Regular
- c) Bom
- d) Ótimo
- e) Excelente



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TÍTULO DA PESQUISA: O USO DE MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO DA GEOGRAFIA
NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSÉ BARROSO TOSTES
PESQUISADOR: ERALDO DA SILVA LEITE

QUESTIONÁRIO PROFESSOR

Nome:

1. Possui curso de formação continuada?

a) Sim, Qual? () especialização; () mestrado; () doutorado

b) Não

2. Possui algum curso na área de informática e/ou tecnologia?

a) Sim

b) Não

3. Existe no projeto político-pedagógico (PPP) da escola, direcionamentos para o uso de tecnologia?

a) O PPP não menciona o uso de tecnologia para fins pedagógicos.

b) O PPP menciona brevemente o uso de tecnologia para fins pedagógicos.

c) O PPP enfatiza a importância do uso de tecnologia para fins pedagógicos.

4. Qual das seguintes opções reflete melhor o que os professores desta escola pensam sobre o uso de tecnologias na educação?

a) Poucos professores acreditam que o uso de recursos tecnológicos tenha um papel claro em favorecer o aprendizado dos alunos.

b) Aproximadamente a metade dos professores da escola acredita que o uso de recursos tecnológicos favorece o aprendizado dos alunos, e a outra metade não.

c) A maioria dos professores acredita que o uso de recursos tecnológicos favorece o aprendizado dos alunos.

d) Todos os professores da escola (exceto casos pontuais) acreditam que o uso de tecnologias contribui para o aprendizado dos alunos.

5. Existe na escola algum profissional cuja função seja cuidar dos recursos tecnológicos de que a escola dispõe para fins educativos?

a) Não, a escola praticamente não tem recursos tecnológicos para fins educativos.

b) Ninguém tem a função específica de cuidar dos recursos tecnológicos para fins educativos.

c) Sim, um estagiário ou monitor com jornada de trabalho com dedicação parcial.

d) Sim, um funcionário com perfil técnico (por exemplo, técnico em informática, redes, manutenção de PC etc.).

e) Um funcionário com perfil pedagógico (por exemplo, um professor que tem conhecimentos técnicos).

6 - Existe alguma estrutura de apoio aos professores para a integração de recursos tecnológicos às práticas pedagógicas? (Se houver mais de um, marque só o principal apoio)

- a) Não existe um apoio desse tipo, cada professor se organiza para aplicar o que sabe.
- b) Os professores apoiam-se apenas nos próprios colegas, pois compartilham entre si práticas e dicas.
- c) Um professor da escola que tem maior conhecimento de tecnologias tem a função de apoiar seus pares.
- d) O coordenador pedagógico cumpre essa função, dentro das outras funções dele.
- e) Um funcionário (multiplicador ou similar) da rede de ensino atende a esta escola, e também a outras, para apoiar a integração de tecnologias.
- f) Um funcionário da escola, com perfil técnico-pedagógico, cumpre especificamente essa função, tendo carga horária e definição clara dessa responsabilidade.

7. A sua escola tem uma política de uso de computadores, celulares e/ou internet? (Define-se como política de uso um documento sobre quem pode usar o quê, quando, para quê, tendo quais cuidados ou precauções).

- a) Até o momento, a escola não tem uma política desse tipo.
- b) Sim, foi definida pela secretaria de Educação.
- c) Sim, foi definida pelos gestores da escola.
- d) Sim, e os professores participaram da elaboração.
- e) Sim, e professores e alunos participaram da elaboração.

8. Na sua escola, quais são os dois principais obstáculos para a integração de tecnologias às práticas de ensino e aprendizagem? (marque 2 opções).

- a) Insuficiência de capacitação ou formação específica dos professores para o uso pedagógico das tecnologias.
- b) Insuficiência ou obsolescência dos equipamentos (como computadores, notebooks, tablets ou outros) disponíveis para uso dos alunos e/ou problemas com a conexão à internet.
- c) Insuficiência de softwares (programa de computador), plataformas digitais, aplicativos e materiais digitais para uso nas práticas de ensino.
- d) Falta de uma visão clara da escola e/ou da Secretaria de Educação sobre para quê, e de que formas, integrar tecnologias às práticas de ensino.

9. Nos últimos 2 anos, qual foi o tema predominante das formações que os professores de sua escola fizeram em relação a tecnologias na educação?

- a) Não participaram de capacitações desse tipo.
- b) Conhecer e mexer em programas como Word, Excel, e-mail, navegador de Internet.
- c) O impacto das tecnologias e da cultura digital na sociedade e na vida dos alunos.
- d) Conhecer e mexer em softwares específicos para o ensino de determinadas disciplinas.
- e) Estratégias didáticas inovadoras para usar na aula, acompanhadas de recursos tecnológicos.

10. Em que medida os professores desta escola compartilham entre si práticas pedagógicas que usam recursos tecnológicos?

- a) O compartilhamento de experiências de uso de tecnologias entre professores, por diversos motivos, praticamente não existe.

- b) Os professores que testam práticas que envolvem recursos tecnológicos as compartilham com outros professores de maneira informal.
- c) Os professores que realizam esse tipo de prática ocasionalmente expõem suas experiências nas reuniões de professores.
- d) Os professores compartilham experiências de uso de recursos tecnológicos regularmente, nas reuniões de professores, onde as práticas são avaliadas coletivamente.

11. Qual o principal formato dos conteúdos e recursos digitais utilizados na escola com os alunos?

- a) A escola não utiliza conteúdos e recursos digitais durante as aulas.
- b) Textos ou versões digitais de livros (conteúdos escritos sobre diversas disciplinas).
- c) Páginas de internet, vídeos e áudios.
- d) Software ou plataformas com exercícios de diferentes disciplinas (português, matemática, química etc.).
- e) Jogos educativos ou livros interativos.

12. Qual a origem dos conteúdos e recursos digitais geralmente utilizados pelos professores desta escola?

- a) Geralmente os professores não usam conteúdos e recursos digitais na escola.
- b) Os professores obtêm recursos por meio de buscadores como Google, Yahoo, Bing etc.
- c) Além de buscadores na internet, os professores procuram conteúdos em repositórios como portais da secretaria de Educação, Portal do Professor, Escola Digital etc.
- d) Além de pesquisar em buscadores e portais, os professores com frequência adaptam os conteúdos e desenvolvem novos.

13. Qual recurso tecnológico e/ou mídia digital você gostaria de utilizar em sala de aula?

14. Como você avalia o ensino remoto durante a pandemia de Covid-19?

- a) Péssimo
- b) Regular
- c) Bom
- d) Ótimo
- e) Excelente

15. Você teve ou tem alguma dificuldade com o trabalho que envolve as mídias digitais no âmbito do ensino?

- a) Sim
- b) Não

